

SOMNIUM É UMA PUBLICAÇÃO OFICIAL DO CLFC - CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Somnium

EDIÇÃO 128 | OUTUBRO 2025

CONTOS DE
FÁBIO SAN JUAN
LAILTON GARCIA

ARTIGOS DE
C.R. ROHLING
GIAN DANTON



CLFC

WWW.CLFC.COM.BR

Quem somos

SOMNIUM 128 | OUTUBRO 2025

O fanzine Somnium é uma publicação do CLFC – Clube de Leitores de Ficção Científica – uma entidade sem fins lucrativos, criada em 1985 por entusiastas da ficção científica em todo o Brasil com o objetivo de divulgar o gênero tanto na literatura quanto no cinema, e também em outros meios de comunicação. O CLFC também é responsável pelo “Argos”, prêmio anual concedido desde o ano 2000 à melhor produção no gênero fantástico (ficção científica, horror e fantasia), inédita em português, mesmo sendo publicada em outros países lusofônicos. Você pode acompanhar tudo sobre o CLFC, além de se filiar gratuitamente ao clube, em nosso site:

www.clfc.com.br



EXPEDIENTE

EDITOR CHEFE: Rubens Angelo. **EDITORES ASSISTENTES:** Gerson Lodi-Ribeiro, Eduardo Torres, Sidemar Vicente de Castro e Luiz Felipe Vasques. **PROJETO GRÁFICO:** Jairo Rodrigues.

DIAGRAMAÇÃO: Rubens Angelo. **COLABORADORES:** Dario Machado, Erick Rezende, Guilherme Xavier, João Gomes, Michael Wevanne, Nana Calimeris, Sílvio César e Valter Cardoso.

CLFC DIRETORIA 2025/2027 - Chapa Argonautas

PRÉSIDENTE: Sidemar Vicente de Castro. **SECRETÁRIO:** Luiz Felipe Vasques Fernandes Guedes.

TESOUREIRA: Bruna Caroline dos Santos.

WEBMASTER: Fábio San Juan. **REPRESENTANTE REGIONAL:** Gerson Lodi-Ribeiro (RJ).

Apresentação

SOMNIUM 128 | OUTUBRO 2025

Meus caros amigos do Clube de Leitores de Ficção Científica, é com grande prazer que anunciamos a nova Diretoria do Clube, cujo mandato será de 2025 até 2027. Os votos foram apurados pela Comissão Eleitoral e todas as cédulas vieram de emails registrados na Lista Oficial do CLFC – portanto de sócios ativos com direito a voto. Foi declaramos como **VENCEDORA** a Chapa **ARGONAUTAS**, formada pelos sócios:

PRESIDENTE: Sidemar Vicente de Castro - socio 569 - escritor, desenhista e diagramador (Catanduva - SP)

SECRETÁRIO: Luiz Felipe Vasques Fernandes Guedes - socio 1093 - designer grafico, escritor e editor (Rio de Janeiro - RJ)

TESOUREIRA Bruna Caroline dos Santos - socia 592 - graduada em Letras, escritora, revisora textual e consultora literária (Sao Paulo - SP)

A posse da nova Diretoria ocorreu às 00:00h de 26 de setembro de 2025 (meia-noite de 25 de setembro de 2025).

Cumprimentamos o Presidente Luiz Felipe por suas profícuas gestões e saudamos o novo Presidente Sid, desejando pleno sucesso em seu mandato.

Saudações Democráticas à zelosa Comissão Eleitoral CLFC 2025, composta por Eduardo Torres - Presidente; Clinton Davisson e Paulo Elache.



CAPA

Carlos Hollanda é um ilustrador brasileiro e destaque de nossa edição.

Relembremos aqui todos os Presidentes do CLFC desde sua fundação:

- **R.C. (Roberto Cesar) Nascimento (1985-1987)**
- **R.C. Nascimento (1987-1989)**
- **Luiz Marcos da Fonseca (1989-1991)**
- **Luiz Marcos da Fonseca (1991-1993)**
- **Gumercindo Rocha Dorea (1993-1995)**
- **Gumercindo Rocha Dorea (1995-1997)**
- **Humberto Fimiani (1997-1999)**
- **Gerson Lodi-Ribeiro (1999-2001)**
- **Gerson Lodi-Ribeiro (2001-2003)**
- **Alfredo Keppler (2003-2005)**
- **Alfredo Keppler (2005-2007)**
- **Ana Cristina Rodrigues (2007-2009)**
- **Eduardo Torres (2009-2011)**
- **Clinton Davisson (2011-2013)**
- **Clinton Davisson (2013-2015)**
- **Clinton Davisson (2015-2017)**
- **Clinton Davisson (2017-2019)**
- **Luiz Felipe Vasques (2019-2021)**
- **Luiz Felipe Vasques (2021-2023)**
- **Luiz Felipe Vasques (2023-2025)**
- **Sidemar Vicente de Castro (2025-2027)**

APRESENTAÇÃO

Este é um momento muito importante, que marca a continuidade de uma tradição que, em dezembro de 2025, completará 40 anos de existência.

Assim, todos nós sócios felicitamos também o clube por suas 4 décadas de vida. Parabéns CLFC, vida longa e próspera!

Desde o seu início, a Somnium vem prestigiando autores e artistas nacionais em suas páginas e essa continua sendo a nossa missão primária. Hoje fazemos uma homenagem a um artista por suas ilustrações de caráter fantástico (e espero que outros artistas nos procurem para também figurar em nossas páginas). Exaltamos os brasileiros, é claro, mas também mostramos o que há de bom lá fora (como no último Especial de Portugal) e por isso trazemos um artigo muito interessante sobre uma escritora norteamericana que vale a pena conhecer.

VEJA NESTA EDIÇÃO:

A arte fantástica de Carlos Hollanda é o destaque da edição e você vai ver como as imagens podem ser poderosas!

“Mil Olhos”, de Fábio San Juan” é um conto sobre a dura vida em mundo distante, com seus múltiplos pontos de vista.

“A Antiguidade”, de Lailton Garcia, nos mostra as terríveis consequências da cobiça.

“Lynn Venable: A dama que semeava pesadelos”, é a escritora dos EUA apresentada pelo pesquisador Cristiano Roberto Rohling, que nos traz também uma tradução inédita do conto “Time Enough at Last”, curiosa narrativa que hoje se encontra em domínio público.

O escritor, roteirista e quadrinista Gian Danton nos lembra, em sua resenha, que “Aldebaran” é uma das melhores HQs de FC de todos os tempos!

Rubens Angelo (Editor). Boa leitura. | ■

UMA TRADIÇÃO COM MAIS DE DUAS DÉCADAS

O Prêmio Argos de Literatura Fantástica é a mais importante premiação dedicada ao gênero fantástico no Brasil, englobando fantasia, ficção científica e horror. A premiação anual, que se iniciou no ano 2000, elege as melhores obras do ano anterior em 3 categorias - conto, antologia/coletânea e romance - e é promovida pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), entidade que tornou-se a mais importante difusora do gênero fantástico no país.

COMO SÃO ELEITOS OS PREMIADOS?

A votação anual para o prêmio Argos acontece em dois turnos. Na primeira etapa, votam apenas membros inscritos no CLFC e as obras mais votadas irão compor a “lista de finalistas”. Na segunda etapa, aberta ao público geral, os mais votados entre os finalistas são declarados como vencedores.



Índice

Ilustração: Carlos Hollanda



ARTISTA 06 A arte fantástica de Carlos Hollanda.

CONTO 14 Mil Olhos, por Fábio San Juan.

RESENHA 21 Aldebaran, uma das melhores HQs de todos os tempos, por Gian Danton.

ARTIGO 27 Lynn Venable: A dama que semeava pesadelos, por C. R. Rohling.

RELATOS REAIS 46 Enigmas Fantásticos

CONTO 50 A Antiguidade, por Lailton Garcia.

ARTISTA

A arte fantástica de Carlos Hollanda

POR RUBENS ANGELO

Carlos Hollanda é historiador, escritor, artista plástico, ilustrador e professor universitário. Foi coordenador e professor da Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Cândido Mendes (RJ), professor do IED-Rio - Instituto Europeu de Design, professor de Desenho Artístico, Desenho Anatômico, Teoria da Percepção e Teoria da Comunicação na EBA-UFRJ (2007-2009) e professor-colaborador do Departamento de Artes e Design e do Núcleo de Arte Digital e Animação da PUC Rio. Entre 2006-2016 editou a revista acadêmica *História, Imagem e Narrativas*, onde também publicou suas HQs. Sua tese de doutorado – “O Reencantamento do Mundo em Quadrinhos - Uma Análise de *Promethea*”, de Alan Moore e J. H. Williams III – foi vencedora do Troféu HQMix 2013.

Como um artista multifacetado, Carlos Hollanda desenvolveu vários projetos artísticos, como histórias em quadrinhos e livros



O artista Carlos Hollanda e suas obras

infanto-juvenis. É co-autor de *“Psicopompo”* (ed. Caligari, 2020) e de *“Intempol - Agora”* (ed. Caligari, 2021). Também escreveu contos de ficção científica e terror, publicando em inúmeras antologias, uma delas, onde é autor e organizador, *“Necroloquion - Diálogos com o Abismo”* (ed. Viés, 2021), conta com um time de peso. É autor de *“Astrologia e os Heróis - Signos e Ciclos Planetários entre Personagens da Cultura Pop”* (ed. Caligari, 2020), que contém várias ilustrações suas e análises entre o fictício e o histórico sobre a arquetipologia dos personagens heroicos.

Saiba mais sobre o artista aqui:

<https://arte.carloshollanda.com.br/>

ENTREVISTA COM O ARTISTA CARLOS HOLLANDA:

[Rubens]: *Você é escritor, ilustrador e também criador de histórias em quadrinhos. Como surgiu o seu interesse por esse universo das artes e das histórias? Conte um pouco também sobre quais foram suas primeiras influências, sejam desenhistas ou escritores.*

[Hollanda]: Foi ainda criança. Não só na fase em que a gente aprende a ler com quadrinhos infantis, mas principalmente quando tinha de 9 para 10 anos de idade, ao trocar ideias com um amigo da escola que gostava de desenhar os personagens. Resolvi tentar desenhar também e eis que saiu alguma coisa interessante. A necessidade ficou



Arte feita para uma capa de HQ



Três páginas da HQ “Sincronia”, da coletânea Intempol

ARTISTA | CARLOS HOLLANDA

mais forte quando comprei minha primeira HQ de super-heróis por vontade própria na banca de jornais. Era o Homem-Aranha número 13, da RGE e fiquei fascinado pelos desenhos, que, claro, tentei reproduzir (passei a colecionar quadrinhos da EBAL, dos anos 1960 também). Inicialmente por cópia, depois tentando de memória mesmo. O John Romita Sr. foi uma das primeiras influências, mas pouco tempo depois, os vários artistas e roteiristas norte-americanos, mormente de super-heróis e de terror, com a sensacional Krypta, que trazia artes inacreditáveis, sem as restrições do padrão Marvel ou DC. José Ortiz, Esteban Maroto, Rudy Nebres, Alfredo Alcalá, Nestor Redondo foram e são modelos para mim. Nem dá pra citar todos os grandes dos quais continuo fã até hoje, mas houve a fase em que o coração bateu forte pelos quadrinhos europeus, especialmente os dos Humanóides Associados, com Moebius, Jodorowsky, Druillet, Caza, Bilal, a dupla Gal e Dionet, enfim, aquela turma que virou referência e me fez querer aprender mais. Tem também o Juan Gimenez que é uma referência inacreditável. Nesse ínterim, conheci os fabulosos autores brasileiros, desde Julio Emilio Braz e Rubens Francisco Luchetti (super mestre!), Shimamoto, Mozart Couto, Olendino Mendes, Watson Portela, Nico Rosso, Jaime Cortez... Nossa, não vou conseguir lembrar todos os nomes, mas vale dizer que os quadrinhos publicados pela editora Vecchi (Spektro, Sobrenatural) ou D-Arte (Calafrio e Mestres do Terror) foram marcos fundamentais para eu querer me manter treinando para me tornar um dia um

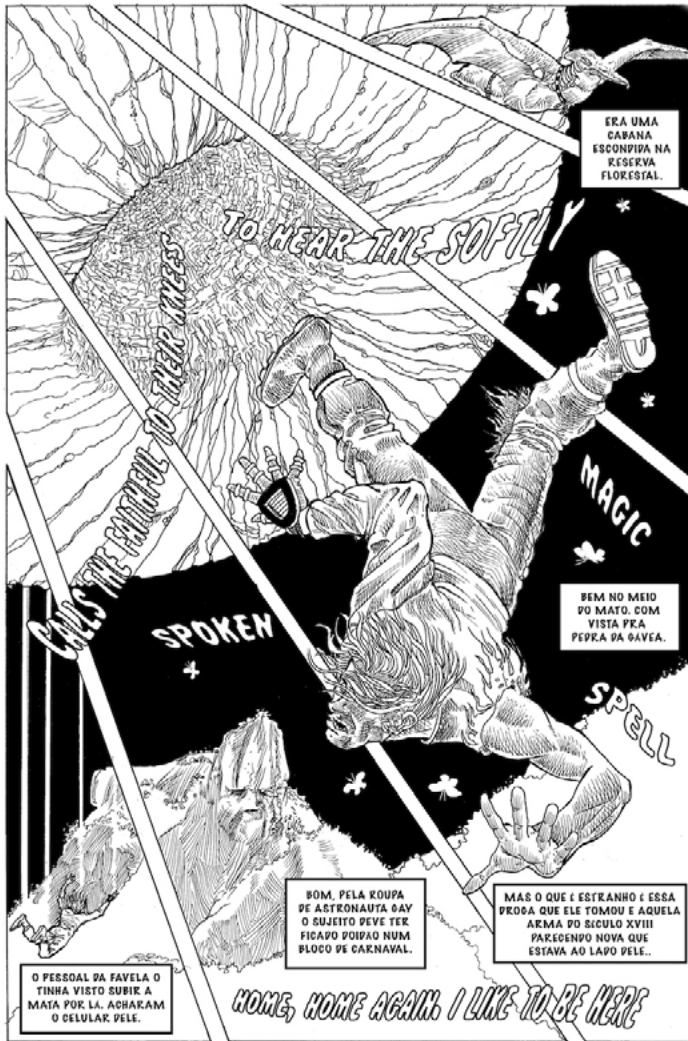


Capa da “História - imagem e narrativas”

artista capaz de ilustrar alguma coisa que o valha. Por um tempo também fiz passatempos para revistas de palavras cruzadas e foi aí que descobriram que eu também sabia escrever direitinho, então me davam mais trabalhos pra roteirizar do que pra desenhar.

[Rubens]: Sei que um de seus grandes interesses está no fantástico, e em especial na ficção científica. Quais os livros ou autores nesse gênero que mais lhe impactaram?

[Hollanda]: Tem os clássicos, alguns até



Página de HQ

que são meio datados, mas Asimov e Clarke, foram os primeiros. Também tive influência do Julio Verne, H.G. Wells. Phillip K Dick, que conheci meio tardiamente e por quem me apaixonei perdidamente, Ursula Le Guin, Frank Herbert, William Gibson, Edgar Rice Burroughs (a lista vai e vem em mais de cem anos, né?) e Jodorowsky, outro a quem devo muito do que imagino por aqui. Fora a parte literária propriamente dita, por conta de ter trabalhado por uns 10 anos como assistente de produção em produtoras de



Versão colorida

vídeos e como legendador, assisti tantos filmes e séries (sobretudo de *scifi*) que acabei me influenciando um bocado pela linguagem que o cinema contém, misturando um pouco o que é literário e o que é cinematográfico. Quando escrevo, já imagino a cena em movimento, aliás. Claro que tem filme de *scifi* e fantasia que não vi ainda, mas o número é um tanto pequeno. Vi desde coisas muito boas, emblemáticas, até lixo dos brabos cujos títulos nem lembro mais e que embora tenham sido ruins como filmes,

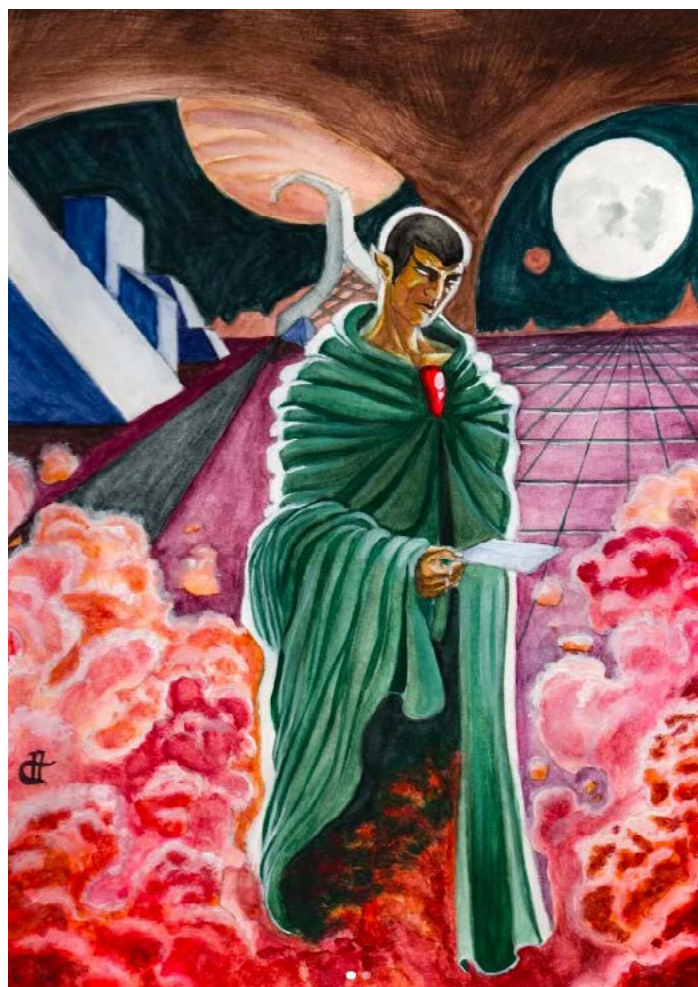
suas ideias eram boas e acabaram se mantendo em algum ponto de meu subconsciente. Ultimamente tem saído muita coisa boa, mas tenho visto mais o resultado cinematográfico do que o imediatamente literário, exceto o que vem sendo produzido por amigos brasileiros incríveis como o Gondim, o Aragão, o Dodsworth, o Fernandes, enfim, teria que citar umas três páginas de nomes de gente fera no ramo que me inspira e de quem aprendo muito. Peço desculpas a quem não citei por enquanto por pura falta de memória.

Já em fantasia a coisa vai desde Tolkien a Neil Gaiman e Alan Moore, com um amplo espectro envolvendo livros, filmes e animações. Tenho acompanhado todas as adaptações de scifi para séries e filmes também. Algumas até acho quase tão boas quanto os livros. Quase.

[Rubens]: *Ainda sobre o fantástico, como você vê a nossa produção nacional de livros e HQs nesse campo?*

[Hollanda]: Aqui no Brasil ocorre um fenômeno curioso, com uma verdadeira avalanche de qualidade técnica, imaginativa, erudita, de conteúdo, significado, originalidade que deixaria qualquer professor de literatura e cinema orgulhoso e muita gente lá de fora de queixo caído. Alguns chegam a extrair de criações daqui ideias que viram séries, filmes, quadrinhos e outros livros, sem sequer citar a inspiração original. Isso tudo em qualidade, mas também em quantidade. É muita coisa boa, tanto que sequer consigo acompanhar. Isso

é espantoso, porque os autores brasileiros, provavelmente ainda mais do que os de outras nacionalidades, precisam enfrentar uma quantidade de barreiras incrivelmente maior. Uma delas é econômica, tendo que trabalhar com trocentas outras coisas para poderem escrever ou desenhar o que têm em mente nos minutos que sobram. Outra, mais complicada, pode ser dividida entre o preconceito de muitos leitores em potencial, que consideram fantasia e scifi como baboseira (assim como o fazem com quadrinhos) e a falta de hábito do brasileiro de consumir obras ficcionais. Livros impressos caros



Arte-homenagem “Cotidiano Vulcano”



Arte em homenagem à série “Mandaloriano”

também complicam, enquanto a leitura digital avança, mas entre um público ainda um tanto setorizado. Acredito, não tenho plena certeza, pois me faltam dados precisos, que os quadrinhos nacionais eram muito originais nos anos 1980, sofreram uma relativa perda de originalidade durante um certo tempo, com reproduções de modelos e estilos bastante fora do nosso contexto e, depois, a partir da década de 2010 ganharam muita força outra vez, com obras e ideias tão boas que dá até pena de ver que não atingem um grande contingente. Mas parece que isso está mudando para alguns, pelo

menos, que têm publicado na gringa e sido até premiados nos parâmetros de lá. Acho que o Gonçalo Júnior mostra em suas pesquisas algumas das principais razões para que o público brasileiro tenha bem menos consumidores de quadrinhos do que em outros países que cultuam os mais diversos gêneros produzidos com a nona arte. Tenho visto, nos últimos 10 anos, essa boa produção, entre o literário e o quadrinístico se desenvolver muito e com trabalhos excelentes promovidos por crowdfunding (que nem sempre vinga) ou por gente que, com o suor do próprio trabalho paralelo, banca suas obras. Bem que poderia haver mais vias de fomento, já que por vias comuns a coisa anda devagar demais.

[Rubens]: *Está trabalhando em um novo projeto artístico? Pode nos contar um pouco sobre isso?*

[Hollanda]: Entre treinos descompromissados de desenho, aprimoramentos/experimentos estéticos com diversos tipos de materiais (ando retornando ao analógico, em detrimento do digital), tenho acumulado algumas pinturas a óleo e acrílica sobre tela para exposições das quais tenho participado aos pouquinhos. Uma parte da coleção, que só vai estar pronta em meados de 2024, representa divindades, entidades, potências oníricas, coisas fantásticas, com muita influência mesclada entre o Surrealismo e a Psicodelia. Muita coisa dali eu tiro de meus sonhos e visões, enquanto outras são relatos e inspirações literárias. Eu sou grande fã de mitologias de diferentes culturas, eterno

estudante de Joseph Campbell, Jung e teóricos como Eliade, Durand, de escolas que estudam o imaginário, o sagrado e os estados alterados de consciência. Meus treinos compreendem também uma longa fase de adaptação para desenhar naves e seus interiores, para uma possível parceria numa space opera para a qual fui honrosamente convidado. Ainda não atingi o nível que eu quero para esse trabalho, portanto, a coisa ainda está na fase de treino meio sem prazo. Tenho feito ilustrações para venda em eventos, coisas encomendadas e coisas por puro prazer mesmo. Com relação à escrita (também com ilustrações no meio) tem um projeto de sci-fi sobre as I.A.'s, com o Edgar Franco, que está para ser publicado há um tempo. Tomara que saia logo, ou em 2025 ou no início de 2026. Em 2024, com outros igualmente ilustres talentos da escrita, organizado por mim e pelo Rafael Senra, saiu a antologia “2057” versando diretamente sobre sci-fi da pesada, (algumas hard, outras mais fantásticas e muita variação sobre um mesmo tema). Publiquei o “Necroloquion - diálogos com o abismo” (terror) em 2021. Esses dois últimos livros já tiveram exemplares vendidos a pedidos em Portugal e na França. A terceira leva, porém não última, já está na etapa de recebimento dos contos dos autores. Seu eixo temático transita entre o realismo fantástico e coisas



Página de uma HQ

com cara de Tolkien. Depois de cobrir essas três etapas, partirei para uma empreitada que possa unir artes visuais e letras (quadrinhos, talvez) num só trabalho. E tem uma saga que tenho “digerido” há alguns anos, que mistura sci-fi e História. Essa ainda vou levar outros anos para tirar do forno. | ■



Arte em aquarela de Carlos Hollanda

Mil Olhos

POR FÁBIO SAN JUAN



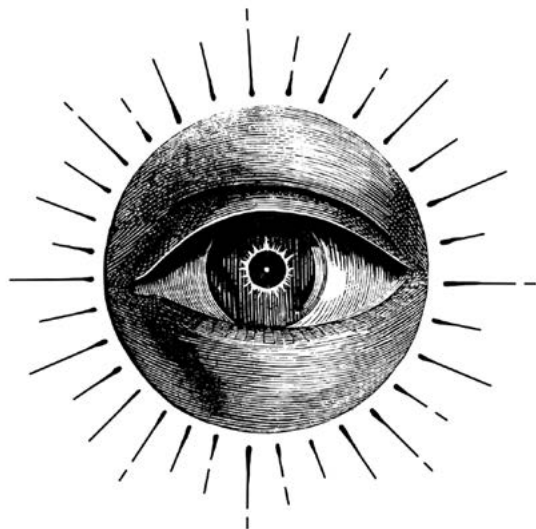
(Manual do Inspetor de Minas, Divisão 3)

Felicidade é uma palavra que um inspetor está proibido de pronunciar, para os outros ou para si próprio. Ninguém está autorizado a falar sobre, em ou a respeito de felicidade (ou qualquer idéia que lhe esteja relacionada) em serviço ou mesmo fora dele.

Mesmo sendo algo totalmente destituído de lógica ou fundamento, a idéia de felicidade aparece com frequência entre os subordinados. Cabe ao inspetor ficar atento à mais leve menção da idéia, que também aparece com outros nomes, como Céu, Nirvana, Paraíso, etc.

Geralmente, um subversivo compara o seu modo de vida com um absurdo delírio, onde aparecem sempre comida com fartura, dormitórios individuais e relações amorosas com uma mulher exclusiva.

O procedimento para com estes comportamentos patológicos será a chicotada repetida por meia hora à simples menção da palavra, termo equivalente ou idéia;



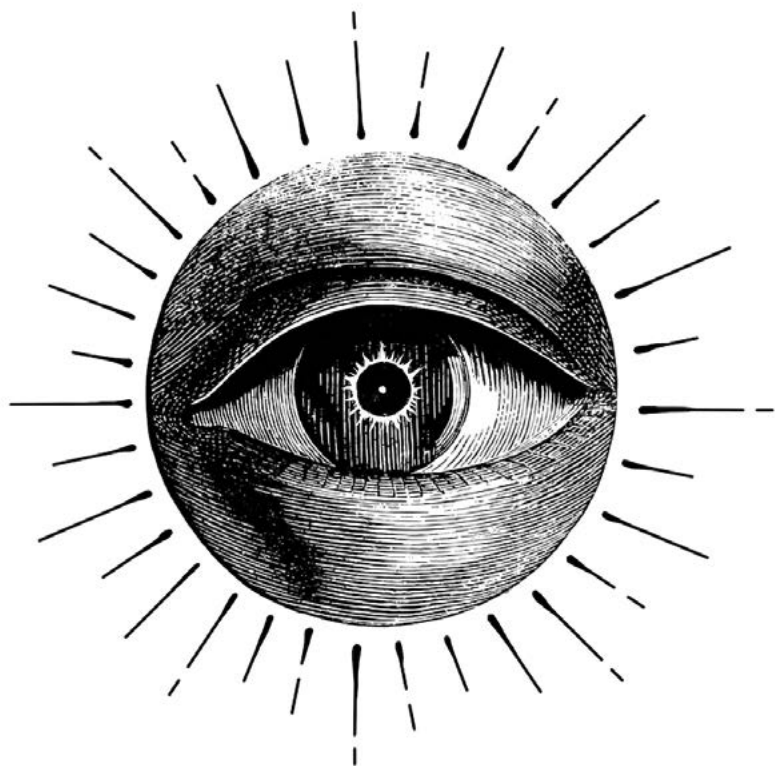
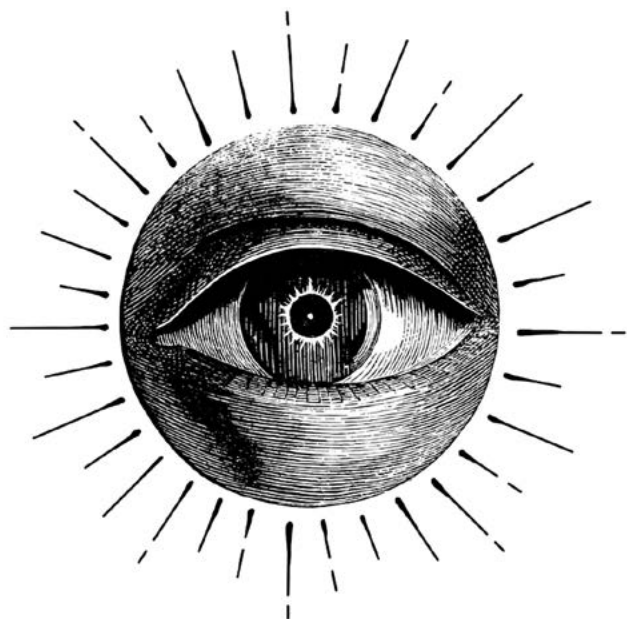
aumento da cota diária de minério ou outra forma de Disciplina Controlada (veja Divisão 5, Tabela de Correções e Punições de Exemplo) se houver reincidência por uma vez; se a ocorrência persistir, ou se o subordinado tentar aliciar seus colegas, o Posto de Inspeção Geral deverá ser avisado, onde será feita a vontade de Darptrui.

As palavras difíceis estão no fim do manual.

(Diário de Zão Ralufis, subordinado da mina 5)

eu peguei paper do banheiro peguei um risca que risca paper do posto tô iscreveno resorvi iscrevê num sei eu iscrevo eu num sei como mai eu iscrevo só sei qui eu sei

num lembro nada Ninguem viu eu mais ficá tempão no banheiro é pirigosu ninguém fica tempão no banheru eu fico é pirigosu eu apanho apanho apanho si elis discobre mai eu iscrevo num ligo



eu trabaio na mina cinco 5 cato o minériu que é uma pedra mai num é bem pedra é uma pedra que brilha bastante i é bonitu eu gosto dos minériu num gostu de catá minériu cansa a gente o ispetô bati se fizé mole hoje o Dabelu feiz mole e levô cinco 5 seis 6 sete 7 no lombo eu num sei comu ele guenta ele vivi fazeno mole na mina ele era de fazê mole na mina quatro 4 intão levaro ele pra mina cinco 5 i ele faiz mole si ele fôssi na mina sete ele fazia tamem i tomava

hoje foi festa de Darpitrúi tudu mundo gosta di festa i Darpitrúi tudo olha o céu i vê um mil, nós fala bem dereito mil óleos num é zoio eu achu bunitu mai eu sinto um negociu ixquisito drento da cabeça i da barriga i num olho mai eu caio

hoje levaro eu nu posto eu peguei o risca ponhei no borso num sei deu vontade eu tive idéia de iscrevê eu nem sabia iscrevê i eu iscrivi intão eu tô iscreveno intão eu tive idéia di intrá no banheru i iscrevê no paper do banheru tá doenu minha mão

(Cidade Parnaso, planeta Parnaso)

À mesa, o Chefe do Controle de Tráfego, o Chefe da Seção de Cartografia, o Chefe do Censo 58, o Secretário Geral da Assembléia Parnasiana, o Coordenador do Fisco Universal e o Comandante das Armas do Primeiro Quadrante.

— Sidarta é o menor planeta habitado do Braço de Órion — disse o Chefe da Cartografia. — Também é o mais remoto. Isso é tudo que sabemos dele. Não temos nenhuma informação recente. Nossos mapas e rotas para Sidarta datam de trezentos anos.

— E por isso, ninguém vai para Sidarta, especificamente — continuou o Chefe de Tráfego. — Na área do planeta há cinco sistemas solares de pouca importância, e ainda assim distantes de Sidarta. Algumas naves do Controle de Tráfego têm ido para esse

setor e desaparecido.

— O Censo estará incompleto se não incluirmos os dados desse planeta e seu Setor — interveio o Chefe do Censo 58 —, todavia não temos mapas precisos, nem garantia de segurança para os recenseadores.

— Nossos pontos de vista convergem — declarou o Secretário-Geral da Assembléia Parnasiana — na medida que percebemos que uma parte do território que a humanidade ocupa no espaço não tem representação política na Assembléia dos Povos em Parnaso. Não farão parte do grande Concerto dos Povos, não terão parte no grande drama da Humanidade, se ficarem fechados em si mesmos, sem desfrutar da amizade e troca com seus irmãos em outros planetas.

— Este planeta seria de menor importância se nele não existisse mineração — retrucou o Coordenador do Fisco Universal. — Depois que ficamos sabendo do enorme volume de minério procedente de Sidarta, é impossível fecharmos os olhos, por mais distante que esteja.

— Sem falar que está numa área estratégica — completou o Comandante das Armas do Segundo Quadrante. — O programa de Colonização prevê o início da ocupação do Braço de Sagitário dentro de cento e cinquenta anos. Por acaso, o Setor onde está situado o planeta fica bem no meio do caminho. Seria ótimo usarmos o espaço de Sidarta como trampolim, com bases de abastecimento, apoio e, claro, de defesa.

O Secretário-Geral soltou um estalido com a língua, mostrando sua decepção.

— Deixaríamos este planetinha em paz, não fossem os prejuízos que nos causa... e os impostos que não nos paga.

(Esta aula foi anotada por um dos aprendizes de uma das turmas de Formação de Inspetores, em seu caderno de relatórios. Por tradição, os aprendizes são instruídos a anotarem seus relatórios na terceira pessoa)

O Doutrinador mandou entrar o novo lote de subordinados por uma das portas e depois pediu a todos que se sentassem. O Doutrinador explicou ao Aprendiz que todos vinham de Gautama. Perguntou se o Aprendiz se lembrava onde era Gautama. O Aprendiz respondeu que era um dos Sete Planetas de Darptrui. Então o Doutrinador continuou explicando. Disse que os subordinados estavam anestesiados do pescoço à cintura. Receberam também uma dose pequena de imipramina. O Doutrinador esclareceu que assim estariam mais receptivos à Doutrinação.

O Doutrinador ordenou ao Técnico para que ligasse o filme. Sentados à frente de uma tela, os subordinados assistiram imagens do que devem ter sido suas vidas em Gautama. Facilidades e conforto tão imorais que o Aprendiz corou de indignação. Teve mesmo vontade de estrangular os subordinados. Mas Darptrui deu-lhe forças e sabia que eles estariam logo no Caminho: Retidão, Não-Desejo e Paz.

O Doutrinador explicou que seriam administrados choques elétricos e inibidores

farmacológicos durante a exibição. A Doutrinação deve invadir não somente a mente e a alma, mas também o corpo. Os agentes físicos e químicos são apenas instrumentos de Darptrui em sua Doce Conversão, disse ele. Mas primeiro o corpo, depois a alma, coração e mente, completou o Doutrinador.

Começou a segunda fase.

FORAM EXIBIDAS IMAGENS DE DARPTRUI E SEUS MIL OLHOS. AROMAS E FRAGRÂNCIAS DIVERSAS INVADIRAM O AMBIENTE, E ESTIMULANTES ERAM ADMINISTRADOS.



O Doutrinador explicou ao Aprendiz que seriam feitas mais vinte sessões com o lote, até os subordinados entrarem a serviço de Darptrui, que Seus Olhos nos guiem e velem por nós.

(Diário de Zão Ralufis)

nada bom mina cinco 5 catei trinta 30 carrinhu minériu cansadu pareci quieu vô caí mai eu guento eu vô iscrevê eu gustu

num lembriu nada antis nada eu num sempre fui grande animar grande foi piquenu eu pranta grande foi piquenu Hómi grande foi piqueno mai eu nunca vi Hómi piqueno

eu sei lugar de Darpitrúi num é lugar di eu sempre

pareci despoi di hoje chega otro lote lote novo vai catá minériu é bom a cota abáxa uns dia atrais levaro us colega que morreu ou levô chicotada morreu

(trecho ilegível por duas linhas)

num intendo porque essis leva chicotada um eu sei leva por causa otro tamem mai os otro eu num sei num vi nem iscutei é longe notro tunel mai a gente ôve falá qui levô intão a gente dá risada tudu tonto tem que trabaiá direito mai num trabáia intão leva no lombo mai eu pensu

daqui a pouco vamu na festa Darpitrúi despoi eu gosto vamu bebê i comê i os amigo eu gustu dos amigo o gordo do Guerdo i o véio do Corma mai eu gustu

eu sei vô oiá us oléos de Darpitrúi vô mi sintí mal i vão mi levá di novo nu posto num sei porque eles faiz issu os ôtro que num

óia eles dão chicotada mai eu eles leva pro posto

hoje si dé eu pego ôtro risca riscadô

(Últimas anotações da agenda do Enviado do Controle de Tráfego ao Setor 51)

Lembrar de:

- checar encefalogravor
- enviar bagagem escritório Controle Tráfego
- dar gorjeta tripulantes
- planetas investigar: Gautama - Kapilavastu
- Saquiamuni

O QUE SEI SOBRE SIDARTA É MUITO POUCO. OU NADA (RISCADO). TÃO POUCO QUE É IMPOSSÍVEL TRAÇAR UMA LINHA DE AÇÃO. TEREI DE CORRER O RISCO DE PEDIR INFORMAÇÕES NOS PLANETAS DO SETOR.

Não existem muitos lugares assim, no Braço de Órion, dos quais sabe-se nada ou quase nada. Sempre agi em território conhecido, com informações se não abundantes, pelo menos suficientes. Mas este é o trabalho de um Enviado, chegar ao objetivo colhendo informações ao longo da investigação (frase riscada com apenas um risco no meio, depois anotada acima: óbvio)

Espero que tudo isto termine em breve. Voltar para Parnaso, respirar ao ar livre e

não o ar engarrafado das naves, dos portos, das cidades hermetizadas das colônias.

(Transcrição das ondas cerebrais do Enviado do Controle de Tráfego, na forma de relato em primeira pessoa, feita por técnico do C.T., dias após a transmissão via encefalograma; trechos)

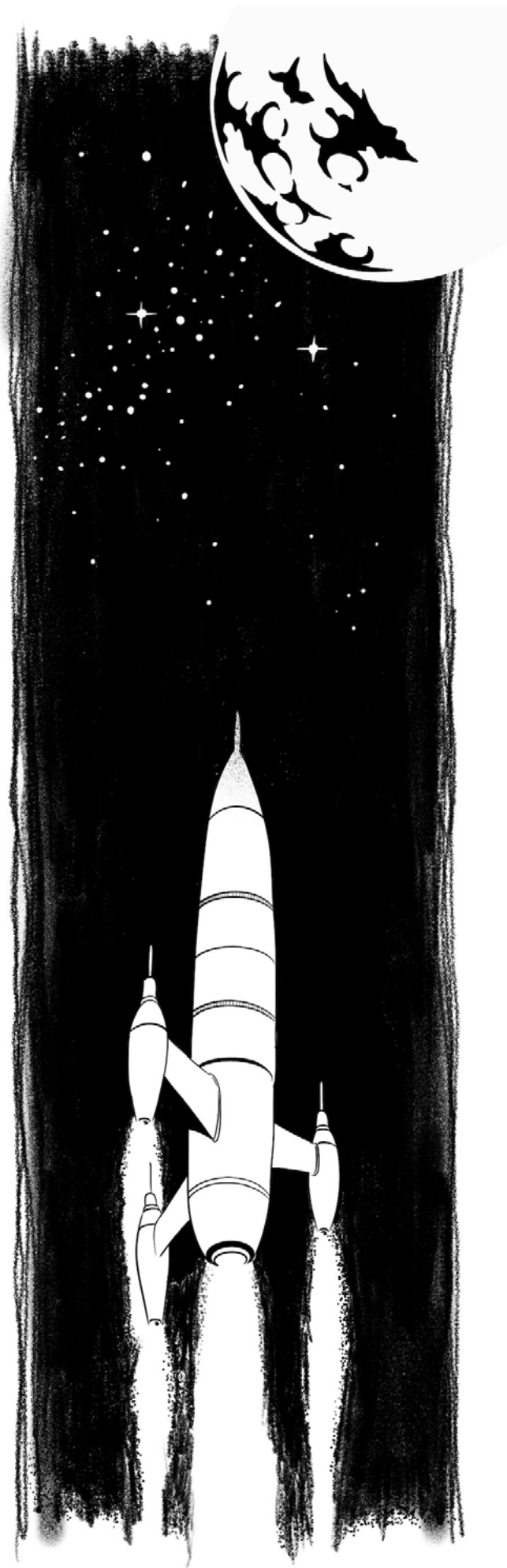
Estamos descendo em Gautama. Não é bonito nem feio. Não dá para ver muito pela janela, nem pela cobertura do Teto dela. Parece aquela paisagem de sempre: cidades hermetizadas (umas três, vistas daqui), rocha, desertos, ajuntamentos de indústrias, dutos pela superfície. Como tantas outras.

**ESTAMOS CHEGANDO
AO AEROPORTO. A
VIAGEM, DO ESPAÇO ATÉ
A SUPERFÍCIE, MUITO
RÁPIDA. COMPARÁVEL
AOS MELHORES SERVIÇOS
AÉREOS DE PARNASO.**

A aeromoça foi até a cabine do comandante e voltou, pedindo que nos preparássemos para o pouso.

A nave pousa, sinto o baque na pista. Aguardamos, fazemos fila para descer. Quando chego à porta, vejo que lá fora há um grupo de pessoas, vestidos com roupas amarelas. Devem ser funcionários do aeroporto.

Mas não, eu desço e eles...



Ai!

Ai!

Ai...

(Atividade cerebral confusa; segue-se longo trecho com registro sensorial mínimo)

Darptrui... Darptrui...

Mil Olhos, mil olhos, mil, mil!

POR QUE ESTOU AQUI? QUE LUGAR É ESSE? LAVAGEM CEREBRAL? CONDICIONAMENTO? NÃO FUI AFETADO, DEVE SER O ENCEFALOGRAVOR. VOU TER QUE FINGIR QUE FUI.

(Diário de Zão Ralufis)

sorte sorte di Darpitrúi tive tão medo num iscrevi antis de hoje antis onti é onti lembrei num iscrevi onti de bebê co Guerdo i o véio Corma

nóis tava no bar sentado bebenu veiu a Cine sentô no colu do Corma ele ficô bravu num sei porque ele ficô bravo mai ficô nuncavi ele assim a Cine vortô pro balcão ficô oiando pra mim

daí o Corma falô co Guerdo i co eu duns negóciu di tê um lugar onde num era cheiu di gente i num bebessi bastante mai ficassi bão i gostosu intão o Guerdo achô ixsquisito i eu achei tamem i a Cine oiando pra mim intão o Corma falô intão que ele lembrô dumas

coisa dumas palavra que eu num lembro num guardei na cabeça eu saí da mesa i fui coa Cine num canto lá meio escondido eu perguntei si ela quiria ela quiria i a gente foi intão ali memo eu comi ela ai qui gostosa fiquei mai um pôco coela i despoi comencei vortá na mesa

eu num saí num deu doi minuto que eu saí do canto eu vi us ispetô dando no Corma i nu Guerdo tamem eu num entendi mai desconfio eu fiquei queto i num falei nada mai eu desconfio aquelas coisa ixsquisita do Corma qui ele falô acho qui si eu num tivesse saído da mesa eu tinha levado tamem os dois apanho eu não porpôco

(Mina Cinco, Galeria Oito. Primeiro dia do lote n.o 8567)

O Inspetor de Minas parou em frente à abertura da Galeria Oito. Olhou cada um dos cinco homens e disse:

— Darptrui nos disse, no Posto: estes homens são bons e por isso merecem Minha Misericórdia. Eles irão catar o minério na Galeria Oito da Mina Cinco. Darptrui disse!

Os cinco homens gritaram:

— Os Mil Olhos!

Continuou: — Lá dentro vocês irão receber a ferramenta. Vocês ligam este botão do lado — e mostrou, empunhado um bastão — e batem com o bastão na parede. Acertem o minério para arrancá-lo da parede. Depois pegam a pá, carregam tudo para os carinhos. E depois começa tudo de novo. Darptrui disse!

Novamente a resposta.

Um dos homens deu um passo à frente:

— Ispetô, quando nóis vai vê Darptrui?

O Inspetor sacou o chicote e o estalou na direção do subordinado.

— Subordinado! Darptrui não permite que fale sem permissão! Darptrui dá o que quer na hora que quer!

O homem, caído no chão, não gemeu nem reclamou. Ergueu-se e juntou-se ao grupo.

— A quantidade que vocês têm que cavar, por dia — e neste ponto frisou bem as palavras, para que os subordinados entendessem bem —, é trinta carrinhos. Vocês têm que encher trinta carrinhos de minério por dia. Entenderam? Trinta carrinhos por dia! Agora, que Darptrui zeze por nós.

**OS CINCO SUBORDINADOS
ENTRARAM NA GALERIA
OITO. O INSPETOR,
AO ENTRAR, DEU
UMA CHICOTADA NO
SUBORDINADO DABELO.**

(Diário de Zão Ralufis)

chegou o lote que bão eu pensei mai num foi bão nada a cota num baxô continua trinta carrinhu eu num falei nada mai o Dabelo falô levô di novo cinco 5 cara novo passaro perto di eu as ferramenta tava perto eles passaro pertinho eu vi eles mai é tudu iguar a gente tudo fio de Darptrui que nem a gente só um eu vi parecia diferente num oiava pra

frente olhava dos lado tamem istranho ninguem oia pros lado nas mina só minériu minériu minériu i pedra pedra pedra i gente trabaiano

oge eu catei trinta i um carrinho o Inspetor gostô me chamô com o Darptruí dissi eu respondi mil óleos mai num sei esse Inspetor num gostu dele mudaro as orde das cama nos quarto coletivo pusero um dus novo do meu lado agora de pôco ele falô co eu preguntô quando era a festa di Darptruí eu disse a festa é amanhã ele falô uns negóciu iquisito acho qui essi novo era aquele da mina qui num oiava pra frente olhava dos lado tamem eu num sei vai dá probrema eu desconfio dessi ele preguntou quando nóis acordava eu dissi o posto acorda ele dissi que hora eu num entendi ele dissi uns negóciu despoi dormiu

(Alojamento. Três horas antes do Toque de Alvorada)

Silêncio. Ele ergueu os olhos do cobertor e tentou contar as camas. Via três carreiras, com mais ou menos trinta camas. Aberturas nas paredes parecendo tubos de ventilação. No meio do recinto, a escada que saía no refeitório, nos bares e nos corredores que levavam às minas. Havia ainda uma porta, uma grande porta onde ele ainda não havia passado.

De um lado dormia aquele mineiro desconfiado que trabalhava na mesma galeria que ele. Do outro um dos que haviam vindo com ele. Pensava de onde vinha aquela luz tênue,

dispersa por todo o alojamento. E também a umidade. Talvez pelo aposento ser subterrâneo, lençóis freáticos na proximidade, ou ainda, água ou outro líquido para processamento do minério, que vazava...?

De repente, um barulho. Voltou para as cobertas. Espiou entre as frestas do cobertor vultos entrando pela porta, de dois em dois. Pareciam mexer nos tubos de ventilação, tirando algo de um e colocando no seguinte.

Tremeu quando chegaram ao tubo acima de sua cama. Embora todos os mineiros se sacudissem enquanto dormiam, ele não mexeu um único músculo. Tiraram do tubo sobre si e colocaram dentro do tubo sobre aquele mineiro desconfiado, fosse o que fosse.

Depois passaram aos banheiros. Ele não dormiu mais até o Toque de Alvorada, pensando em Parnaso.

(Confissão obtida do subordinado Dorlei Xintesi, do lote n.º 4347, transcrita pelo Inspetor de plantão no relatório 00586/57)

Eu estava no bar, com o Zadama e o Lorques. Na outra mesa estavam o Ralufis, o Gueldo, o Corma e aquele do lote novo. Perguntavam um monte de coisas pra ele. Ele quieto, nervoso, olhando todo mundo. Até que levantou e começou a falar umas coisas esquisitas. Falou se a gente não conhecia outra vida, se nunca pensamos em sair dali, de ter uma mulher só nossa, e umas outras palavras que eu nunca havia ouvido. Foi daí

que o Lorques ouviu também. Não, ninguém mais ouviu. Só eu e o Lorques. O Zadama estava bêbado. O Lorques repetiu algumas das frases que o cara novo tinha dito. Daí vieram dois Inspetores, e bateram na gente. Sim, antes dos Inspetores chegarem eles pagaram a conta e foram embora. Não, eles não foram correndo. Acho que foram para a festa de Darptrui, que ele vele por nós.

(Relatório da Festa de Darptrui, 50-2-04-57 data sidartiana, elaborado pelo Inspetor do Posto de plantão; excerto)

**A NOITE EM SIDARTA
ESTÁ LIMPA. NENHUMA
NOITE SERIA MELHOR
QUE ESTA PARA UMA
FESTA DE DARPTRUI. OS
OLHOS DE DARPTRUI NO
CÉU ESTÃO CINTILANDO
MARAVILHOSAMENTE.**

Na posição 0432 do relógio o Doutrinador deu a ordem e os lotes saíram aos telhados dos alojamentos. Os telhados, embora um pouco distanciados dos outros, perdem-se de vista na superfície de Sidarta. Isso é bom. Crescem os filhos de Darptrui.

Coloquei nos monitores os telhados de números pares, esta noite. Incluí os ímpares, então alguns dos pares ficaram de fora. Falta equipamento, mas tenho certeza que o

Inspetorado está providenciando.

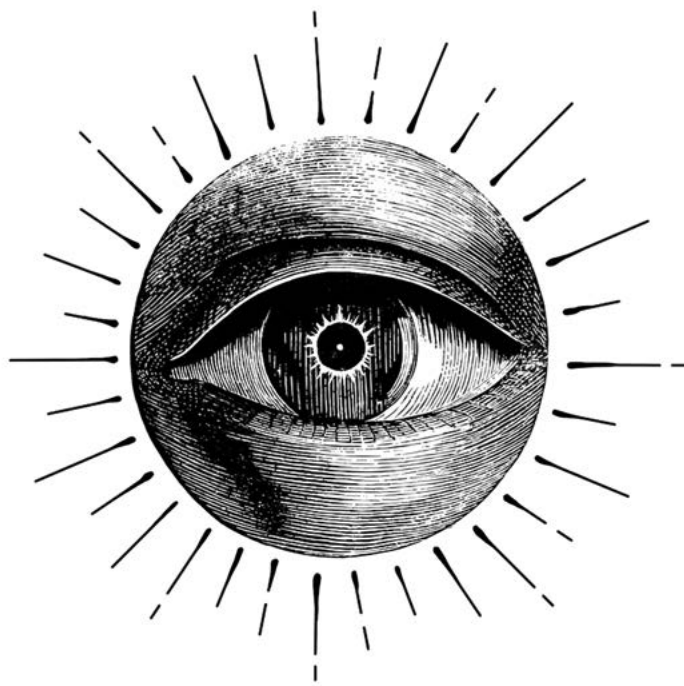
O Doutrinador subiu à Torre e sua voz reboou nas caixas de som.

ELE DISSE, EMOCIONANDO A MIM E A TODOS: “DARPTRUI DISSE: ‘MEUS FILHOS, SOIS BONS, PORQUE VIESTES DE MIM. MEUS OLHOS OS VEEM E TÊM MISERICÓRDIA DE VÓS. POR ISSO, AINDA TEREIS A COMIDA E A CAMA, E OS INSPETORES PARA CUIDARDES DE VÓS’. OLHAI OS MIL OLHOS DE DARPTRUI!”

Todos voltaram os olhos para o céu. (...) Vi na tela dos lotes da Galeria Oito que o Zão Ralufis, do lote n.º 3975, sentiu-se mal novamente. Acionei o Inspetor da Galeria Oito. Antes, porém, de trazer o Ralufis para o posto, um dos novos, o Dalpi Grantu, do mesmo lote, tentou socorrê-lo e levou uma chicotada. No mais, a cerimônia correu normalmente.

(Diário de Zão Ralufis)

o Grantu pareci um bobão chegô pra mim falô porque tinha festa di Darpitrúi nem respondi tudu mundo sabe porque tem só ele num sabe que bobão gozado ele pareci que num sabe nada



pregunta porque a gente trabaia nas mina eu falu que é pra Darpitrúi ele responde si Darpitrúi come o minériu que tonto é claro que não Darpitrúi tem dó di nós i dexa nós trabaia dá ele fala si a gente nunca saiu lá fora é claro qui sim tuda vez qui tem a festa ele qué sabê porque eu caio quando óio os óleos di Darpitrúi eu mi sinto mau num controlo daí eles leva eu pro posto dá remédio i eu mioro fiquei brabo hoje o véio Corma num conseguiu a cota mai faltô só um 1 carrinho intão veiu o ispetô i deu nele deu bastante ele quasi morreu num sei como ele num morreu amanhã ou dispoi eu acho pareci qui nós recebi as ficha pro bar qui bão vô podê bebê i comê mai bastante i dá tamem pra falá coa Cine quem sabi nós vai di novo lá daí eu como ela de novo gostosa

vô pará que o Grantu capais de seja perguntá purque eu demoro no banhero drento capais

(Transcrição das ondas cerebrais do Enviado do Controle de Tráfego em primeiro pessoa, por técnico do C.T.)

NAQUELA FESTA IDIOTA EM QUE TODOS OLHAM AS ESTRELAS À NOITE E DIZEM “MIL OLHOS, MIL OLHOS!”, EU NOTEI QUE AQUELE MINEIRO, CHAMADO RALUFIS, QUANDO OLHAVA O CÉU SENTIA-SE MAL. ENTÃO O LEVAVAM PARA O TAL DO POSTO DE INSPEÇÃO.

Decidi então fazer o mesmo, na esperança que me levassem, também. Daria um jeito de descobrir tudo, quando lá estivesse.

Deu certo. Levaram a mim e ao Ralufis. O Inspetor deu um remédio a ele. Só havia um Inspetor. Quando chegou a minha vez de tomar o remédio, peguei-o pelo pescoço e o deixei inconsciente. Chamei o Ralufis. Ele é teimoso, não quis me obedecer. Gritei com ele, ele veio como um menino assustado. Entrei por uma porta. Havia telas e equipamento de monitoração à distância cobrindo as paredes da sala. Dali controlavam todas as minas, os telhados e quem sabe o que

mais. Saí dali. Voltei à sala onde estava. Descemos, eu e o Ralufis, por uma escada, a mesma pela qual chegamos. Vi outra porta, já embaixo. Tentei abrí-la, fechada, arrombei-a com chutes. Havia pessoas dentro.

— Chega desta palhaçada, gritei eu. O Ralufis estava encolhido, do lado de fora da sala. — O que vocês fazem com esses homens é escravidão!

Havia cinco Inspetores sentados numa mesa. Parecia que jogavam cartas. Aposto que nunca haviam presenciado uma insubordinação tão ousada. No primeiro momento, ficaram tão surpresos que não houve um único mover de sobrancelhas. Por um breve momento, fiquei a imaginar o que pensavam aqueles homenzinhos ridículos, na certa os guardas *gestapo* dos donos de um planeta esquecido, fazendo lavagens cerebrais e impondo uma religião estúpida a um bando de mineiros ignorantes, ou tornados ignorantes, aprisionados dos sistemas solares vizinhos. Depois percebi que eu era o ridículo, mais ainda, burro, por entrar numa sala abrindo a porta a pontapés, sem saber o que ou quem encontraria, sem ter uma arma ou um plano.

Mas só percebi tudo isso no meio da frase na qual comecei a gritar novamente:

— Por que vocês estão isolados do resto? Para vender o minério sem pagar impostos, não é? Vocês atacam passageiros em Gautama e transformam os homens em mineiros e as mulheres em prostitutas!

Um dos Inspetores resolveu fazer alguma coisa. Girou um botão em uma caixinha. Eu caí.

**NÃO SEI QUANTO TEMPO
FIQUEI INCONSCIENTE. NÃO
SABIA ONDE ESTAVA E NÃO
HAVIA COMO SABER. EU
ESTAVA CONFUSO E MEIO
ANESTESIADO, COM AS
PÁLPEBRAS PESADAS E A
VISÃO EMBAÇADA, QUANDO
CONSEGUIA ABRIR OS
OLHOS. FIQUEI ALI ZONZO,
MEIO INCONSCIENTE.**

Alguém disse, depois de certo tempo:

— O que ele tem é parecido com o nosso Ouvido de Darptrui. Transmite, como o nosso, mas também grava.

Outra voz disse, momentos mais tarde:

— Podemos dispor da gravação?

— Sem problemas — disse a primeira voz.

Caí inconsciente, mais uma vez. Despertei desta vez numa espécie de maca, presa numa parede. Aquela primeira voz tomou a forma de um homem magérrimo, cabeludo e com barba. Sua voz não combinava nem um pouco com sua fisionomia.

— Aqui está ele, Doutrinador — disse ele.

Outra voz: o Doutrinador. Não o vi. Eu estava preso na maca e não podia virar a cabeça. Ele parecia estar falando de longe, embora parecesse estar na sala. Escutei-o dizer:

— Então é de Parnaso? Controle de Tráfego? Fico contente que não tenha feito maiores estragos. Onde está o Ralufis?

O cabeludo respondeu:

— Está na Sala de Doutrinação Corretiva.

— Leve-o para o Noviciado de Inspetoria — ordenou o Doutrinador.

Por um momento pensei que levariam a mim para o Noviciado. Ouvi, entretanto, a voz do Doutrinador mais próxima.

— Parnaso é muito longe. Ninguém que eu conheça já foi a Parnaso.

Perdi o controle. Fraco, dormente, gritei, ou achei que estava gritando:

— Ninguém que eu conheça já veio a Sidarta, também. Mas eu estou aqui e exijo uma explicação. Por que faz isso? Como esconde tudo?

O Doutrinador rugiu, furioso:

— Não devo explicações a ninguém!

Caí inconsciente de novo e foi a última vez. *(Confusão sensorial. Atividade cerebral mínima. O sinal é interrompido)*

(Telefonema do Controle de Passageiros do Aeroporto Granmillius Danq, planeta Mahaiana, fronteira do Setor de Sidarta)

— Não, a única pessoa com essa descrição estava acompanhada. Bagagem normal, senhor. Não, não inspecionamos toda a bagagem. Não senhor, o volume é grande, estamos na confluência de três siste... Um momento, vou consultar o destino no nosso computador. Senhor, foram para o Setor Um, para Galícia. Sim, é só uma escala. Não temos como controlar o destino final, esse tipo de passagem tem a opção de escolha de conexão para qualquer planeta do Setor.

Sim, senhor, mandarei os nomes. De nada.

(Reunião de emergência com o Chefe da Segurança do Setor Um, o Comandante das Armas do Primeiro Quadrante e o Secretário-Geral da Assembléia Geral Parnasiana)

— Como vamos achá-los? Vamos colocar todo o Setor Um em alerta? São quarenta sistemas solares!

— Polícia, forças armadas e agências especializadas do governo nas ruas e nos principais prédios públicos. Outros alvos importantes, como empresas e edifícios também. Tropas nas ruas em Galícia, Ipiranga e Parnaso. Nos restantes, vigilância pesada nos aeroportos.

— Não podem passar do saguão do aeroporto!

— Estão em dupla! Quem será o outro?

— O Enviado deve ser uma isca. Deve haver outras pessoas agindo em operações isoladas.

— Por que não o mataram?

— O transmissor cerebral. Devem estar querendo eliminar os registros. Então o usam como isca, para distrair nossa atenção.

— Como devem estar fazendo há trezentos anos.

— O prédio do Controle de Tráfego!

— Não se preocupe. As informações não ficam lá. O que me preocupa, realmente, que me acaba de ocorrer, é que deve haver cavalos de tróia entre nós. Onde, exatamente, será nossa tarefa mais difícil. Vasculhem tudo!

(Gabinete do deputado Geon Malxope, Assembléia Parnasiana)

A porta abriu-se com tal violência que Geon Malxope acordou do seu cochilo.

— Como vocês entraram aqui? — sobresaltou-se o deputado.

— Calma, Excelência — disse o homem, descansando uma mala no piso. Estava acompanhado de outro, que olhava o chão, distraído. Parecia que não queria se envolver na cena. Falou como se pregasse cada palavra com uma martelada numa tábua: — Não se lembra mais dos apoiadores da sua base?

— Como?... Como?... — O deputado estava embasbacado. — Como você veio parar aqui? — Ia ligar o botão que ativava a segurança, quando o homem da mala ergueu o dedo indicador para o teto, fez uma curva no ar com a mala e a pousou sobre a escrivaninha, abrindo-a.

— Deputado, quando eu disse para ter calma, estava falando sério... Vossa Excelência pode relaxar, por favor? — Pôs uma mão no bolso da calça e sentou-se numa poltrona, lentamente. — Sabe de uma coisa, Geon... vou chamá-lo assim, Excelência, afinal, nossa ligação, de quando...? Meu bisavô me mostrou imagens com a sua família, neste gabinete...

Malxope tremia, incomodado, em sua confortável cadeira.

— Não sei do que está falando.

— Como eu dizia, Geon... eu poderia

acabar com Cidade Parnaso, inteira. Talvez até sobrasse para algumas cidades em volta. Mas aqui — e deu dois tapinhas na mala — há o suficiente para o meu propósito imediato. Um serviço do qual eu mesmo quis me incumbir. Para eu me certificar, pessoalmente. Foi bem feito? Eliminou-se qualquer chance de abortar o “procedimento”? — Pausa. — E além disso, minha presença traz consigo o protesto. Sabe que espécie de protesto?

— Você não faria... não faria isso. Você explodiria junto... e além disso, não vejo como este ato beneficiaria aquele seu asteroide miserável.

O homem sem tirar as mãos da mala, sentou na beirada da mesa, continuando, sem se importar com a resposta do deputado:

— Quebra de contrato, Geon! Vim aplicar a multa!

— Não entendo... — disse o deputado, ofegante — deve ser algo muito sério, para fazê-lo viajar mil e duzentos parsecs.

— Não é nada tão sério — respondeu o homem — que não possa ser resumido ao volume de um único homem — e apontou para o homem sentado.

O político olhou para ele, tentando reconhecê-lo.

— Nunca o vi — disse —, não é ninguém do meu pessoal, eu garanto...

O homem da mala ergueu-se num gesto brusco e dirigiu-se a uma das paredes do gabinete, sem tirar os olhos de Malxope.

— Isto — e passou o braço pelo mapa dos planetas habitados do Braço de Órion — é um mapa. Você vê Sidarta, o menor planeta

habitado, nele? Você vê Sidarta num mapa de cinquenta anos atrás? Não! E cem anos atrás? E duzentos? Não, não, não! — e esmurrava a carta galática a cada “não” que pronunciava. A parede respondia com um som muito baixo, quase surdo, era muito grossa e absorvia muito bem os impactos. Ninguém do outro lado ia ouvir.

— Deputado Geon Malxope, sua família está na Assembléia há quatrocentos anos. — E aqui o deputado passou a mão pela testa molhada. — Sidarta e seus Doutrinadores têm um contrato firmado com a família Malxope há trezentos anos. E Malxope acabou de quebrá-lo!

O deputado bateu com as duas mãos no tampo da escrivaninha, levantando-se.

— Como? Todas as referências a Sidarta foram apagadas da Biblioteca de Cidade Parnaso... dos registros do Governo, do Fisco, do Tesouro... as coordenadas, as rotas do Controle de Tráfego, os mapas do Braço de Órion... nem se fala mais que Sidarta é o menor planeta habitado, como você disse. Ninguém tem essa referência, porque ninguém ouviu falar de um planeta chamado Sidarta... não há referências! — E apontando um dedo trêmulo para o homem da mala: — Se vocês se fizeram notar, é problema seu! Seu comércio cresceu mais do que esperavam! Não conseguem esconder tanto minério! Não posso fazer nada se vocês são descuidados!

O homem não respondeu. Nem mesmo mudou a expressão. Voltou à mala e apertou uma combinação de botões. Depois, dirigiu-se para trás da mesa, ao lado do deputado, e

antes que Geon pensasse em detê-lo, arrancou o painel que chamava a segurança.

— Este homem... vê este homem? É um agente do Controle de Tráfego. — O homem da mala jogou o painel com violência ao chão. — Ele foi a Sidarta com um objetivo. Não conseguiu alcançá-lo. Nós o doutrinamos. Eu o controlo, agora. Através deste controle. — Tirou-o do bolso da calça. — Tome, Malxope. É um presente de despedida. — E o jogou para o deputado.

O controle voou mas Geon Malxope não o apanhou, bateu em suas mãos e escorregou para uma das muitas dobras da sua roupa. O homem da mala saiu do gabinete, sem palavra de despedida. A mala sobre a mesa, aberta. Se eu sair correndo, pensou o deputado, agora, não terei tempo de evacuar o prédio. Um prédio com mais de dez mil salas! Não tenho tempo nem de salvar minha pele, quanto mais... É o louco daquele doutrinador era bem capaz de morrer por aquele pedaço de cascalho, num canto sujo da galáxia. Não, o homem não faria isso, tinha muito a perder, era certo, tinha comprado, ali no coração da Metrópole Universal, escondido de todos, uma forma de salvar a sua vida a tempo, e a fonte do seu poder: o dinheiro do minério, trilhões e trilhões de créditos. Ele mesmo, o político de uma família poderosa há séculos, que havia ajudado a ocultar um planeta de todo o resto da humanidade com a influência do seu cargo e família, que tinha levado milhares de pessoas a uma vida de escravidão, que tinha dinheiro, propriedades e mais o que quisesse, não tinha mais tempo para salvar sua vida. Veio o desespero e o

grito, que sabia, não teria tempo de sair da garganta.

Mas o homem distraído, sentado na poltrona, sorria, sem preocupação, sem medo, sem ansiedade, sem culpa.

Geon pensou como era fácil morrer, com um sorriso daqueles.

(Caderno de relatórios do Aprendiz Zanis Ralufise, primeira página)

Começo este caderno honradamente. O próprio Doutrinador o entregou a mim. Eu disse a ele que era uma honra. Ele respondeu que eu merecia, pois o próprio Darptrui enviou-me para Sidarta, especialmente para ser um Inspetor de Minas.

**DARPTRUI SEJA LOUVADO!
PENSAR QUE TODO O MEU
TREINAMENTO... PENSAR
QUE EU ESTAVA SENDO
TESTADO, E TAMBÉM
ABENÇOADO!**

Talvez seja por isso que não me lembre de nada do que me aconteceu antes do treinamento no Noviciado. Um caso parecido é de um subordinado, que escreveu uma espécie de Diário com canetas roubadas do Posto de Inspeção e papel higiênico dos banheiros. Como ele sabia escrever, é um mistério. Creio que quando eu for um Inspetor, todos esses mistérios serão revelados. Mas que seja na hora certa, quando Darptrui desejar.

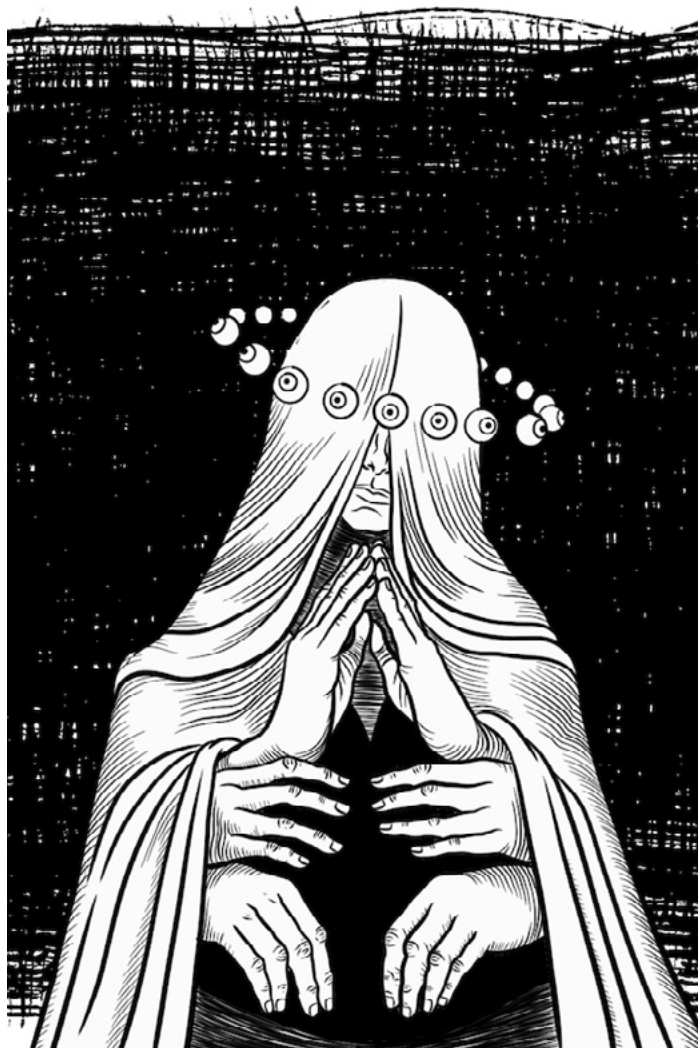
O caso desse subordinado será instrutivo,

de qualquer forma. Conhecer como eles pensam e agem será utilíssimo, assim saberei como dosar o rigor das punições.

Juro honrar a distinção feita a mim por Darptrui, e que o Doutrinador veio confirmar pessoalmente, com Sua Visão Privilegiada. Colher o minério é uma dádiva de Darptrui. Torna todos os subordinados úteis. A nós, Inspetores de Minas, dá um sentido elevado à vida, por servirmos como olhos dos Olhos de Darptrui.

Negar-se a cumprir uma tarefa dada por Darptrui é uma ingratidão e uma ofensa dirigida ao seu próprio Criador. Por isso, serei impiedoso com os subordinados quando se tratar de preguiça ou corpo mole. O mesmo também se aplica a cotas não cumpridas.

Que os Mil Olhos nos guiem e velem por nós! | **FIM**



Fábio San Juan é artista gráfico, professor, historiador da arte. Trabalha na imprensa regional do interior de São Paulo, em papel e online, desde a década de 1990 até hoje, tendo colaborado nela com crônicas, contos, poemas, artigos, entrevistas etc.. Publicou em papel um livro de História da Arte sobre o Modernismo brasileiro e suas conexões com o interior paulista, e um e-book sobre colecionismo de arte. Na infância, conheceu a ficção científica nos livros da editora Hemus, com a tríade clássica de autores — Asimov, Clarke, Bradbury —, gostou da brincadeira, quis brincar também e tornou-se um autor

secreto de ficção científica, escrevendo contos e romances, a maior parte ainda não publicada. Participou entre 2001 e 2010 da Oficina de Escritores — OE, fundada por Douglas Araújo em 2000, uma proposta online de escrita e avaliação de produção literária mútua em lista de e-mails, focada nos gêneros da FC, Fantasia, Mistério e Terror. O conto “Mil Olhos” foi produzido nesta época. É sócio do CLFC n.o 465. Colabora como webmaster do site do CLFC e do blog Somnium desde 2011. Desde 2024 tem publicado textos semanalmente, nos gêneros mencionados, e outros, na rede social Substack:

<https://fabiosanjuan.substack.com/>

Aldebaran, uma das melhores HQs de todos os tempos

POR GIAN DANTON

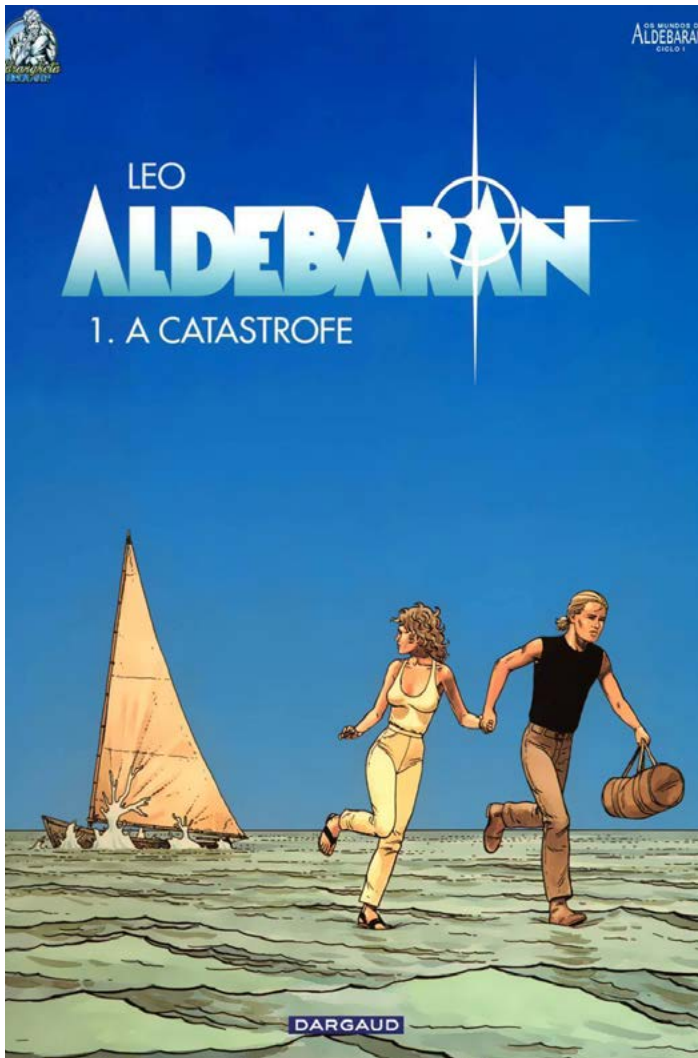


Um exemplo da incrível arte de Leo.

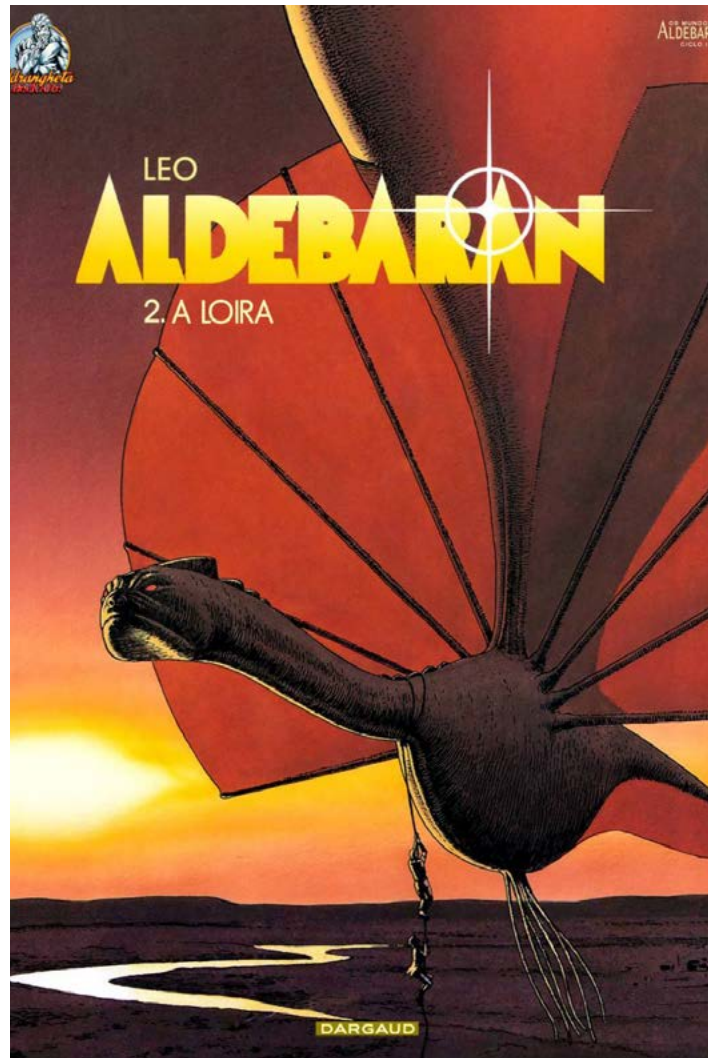
Aldebaran é talvez o melhor exemplo de HQ em que a trama é toda desenvolvida a partir da ambientação. A série, criada pelo brasileiro Luiz Eduardo Oliveira, o Leo, é campeã de vendas na Europa e considerada uma das melhores séries de fantasia e ficção de todos os tempos.

Leo nasceu no Rio de Janeiro, em 1944. Em 1971 fugiu do Brasil para escapar da repressão do regime militar. Foi para o Chile, Argentina até voltar para o Brasil,

onde trabalhou com publicidade. Sua primeira HQ foi uma história de ficção-científica publicada na revista O Bicho. No final da década de 1970 conhece a revista Metal Hurlant, que teria forte influência sobre seu trabalho, e resolve tentar a sorte na França. Depois de anos publicando pequenas histórias em revistas como a L'Écho des savanes e Pilote, em 1991, a convite do escritor Rodolphe, começa a desenhar a série Trent, de grande sucesso.



“Aldebaran”, volume 1.



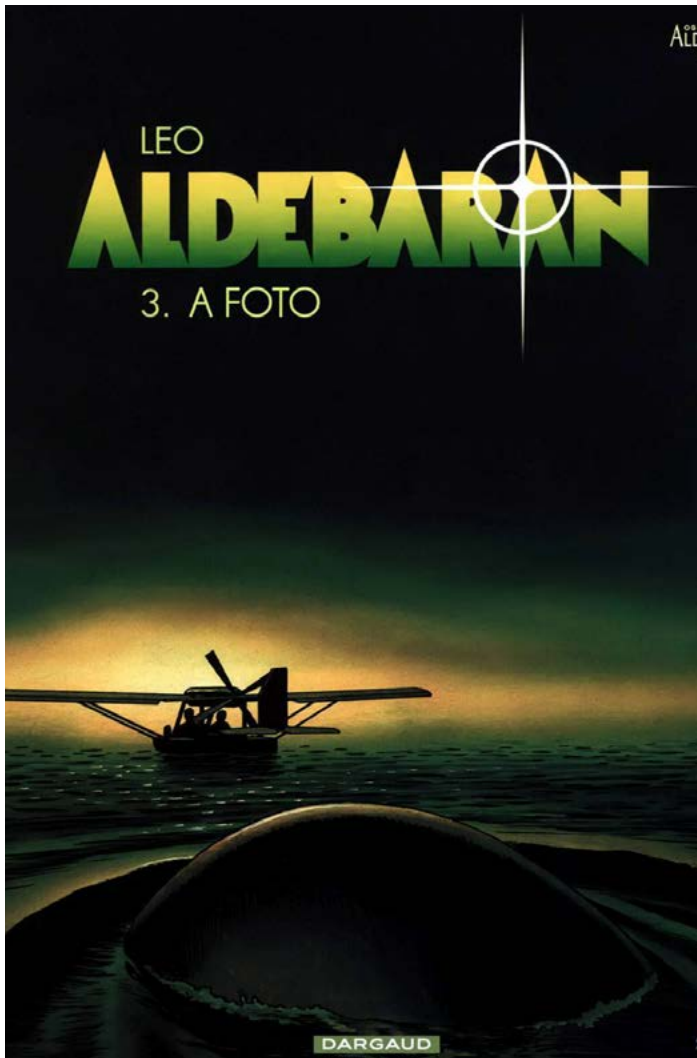
“Aldebaran”, volume 2.

As boas vendas lhe permitem lançar sua própria série. É quando surge Aldebaran.

A história se passa em um planeta marítimo colonizado por humanos. Mas, depois da primeira expedição, a colônia perde o contato com a Terra. Assim, Aldebaran fica totalmente isolada e passa a ser governada por uma ditadura militar-religiosa, que, entre outras coisas, força detentas a engravidarem para ajudar a povoar a colônia. Uma nova lei pretende obrigar todas

as mulheres a engravidarem a partir dos 17 anos. A música é proibida e músicos são obrigados a se esconderem.

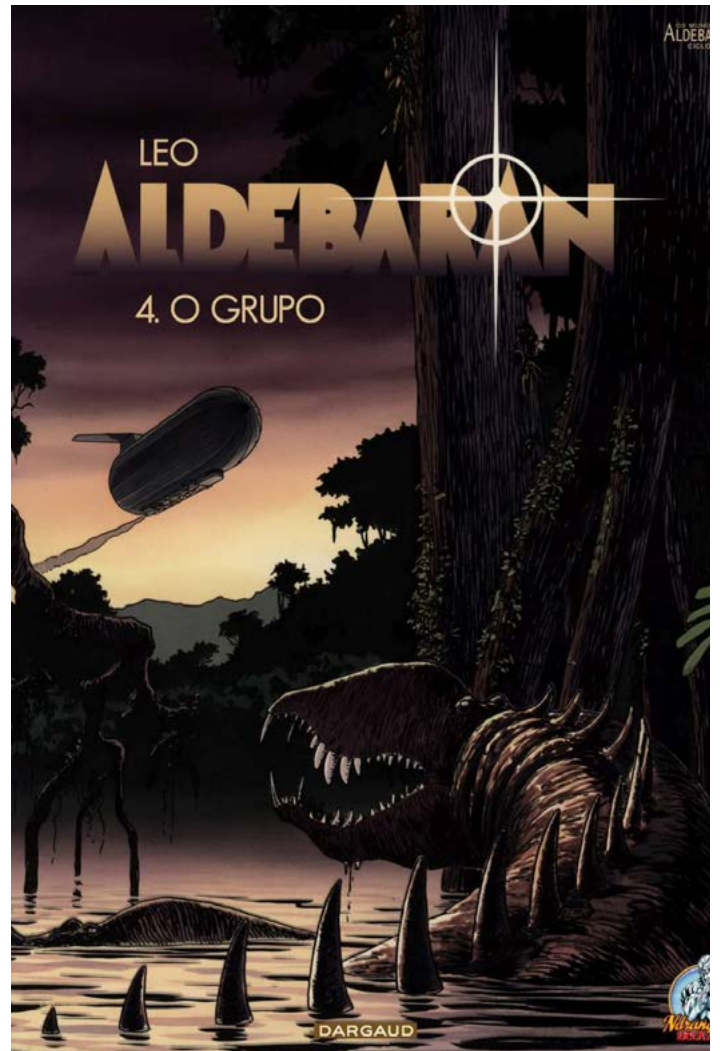
A história começa em uma pequena vila de pescadores onde começam a ocorrer fenômenos estranhos. Os peixes desaparecem. Um Nestor (uma espécie de baleia com braços) encalha na praia. Pescadores encontram na superfície um peixe das profundezas. Finalmente, o mar se transforma em uma espécie de gelatina e destrói uma



“Aldebaran”, volume 3.

vila de pescadores. Um homem misterioso parece saber o que está acontecendo e, ao se envolverem com ele, dois sobreviventes passam a ser perseguidos pelos militares.

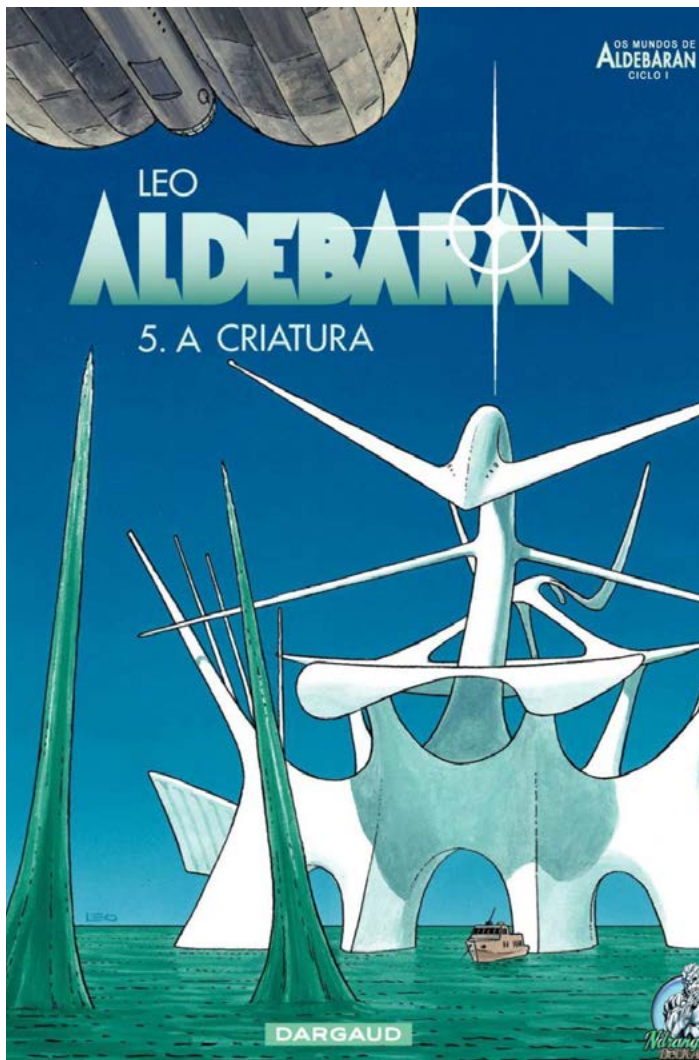
Além da ótima trama e dos desenhos para lá de competentes, Aldebaran chama atenção especialmente pela forma como Leo cria toda uma ambientação alienígena e como a trama gira em torno dessa ambientação. A criatividade do quadrinista para criar visualmente e conceitualmente a flora e a fauna de Aldebaran, por exemplo,



“Aldebaran”, volume 4.

é impressionante. Um exemplo: o polvo da areia é capaz de mimetizar a forma de animais para atraí-los e capturá-los com seus tentáculos espalhados sob a areia. Ou as caravelas, animais flutuantes que produzem gás hélio usado pelos humanos em dirigíveis. Aliás, a própria Matrisse, o animal misterioso que parece estar por trás de todos os fenômenos estranhos, é um exemplo da complexidade dessa composição de cenário.

Junte a isso personagens cativantes, tridimensionais, como o trapaceiro Pad, e temos

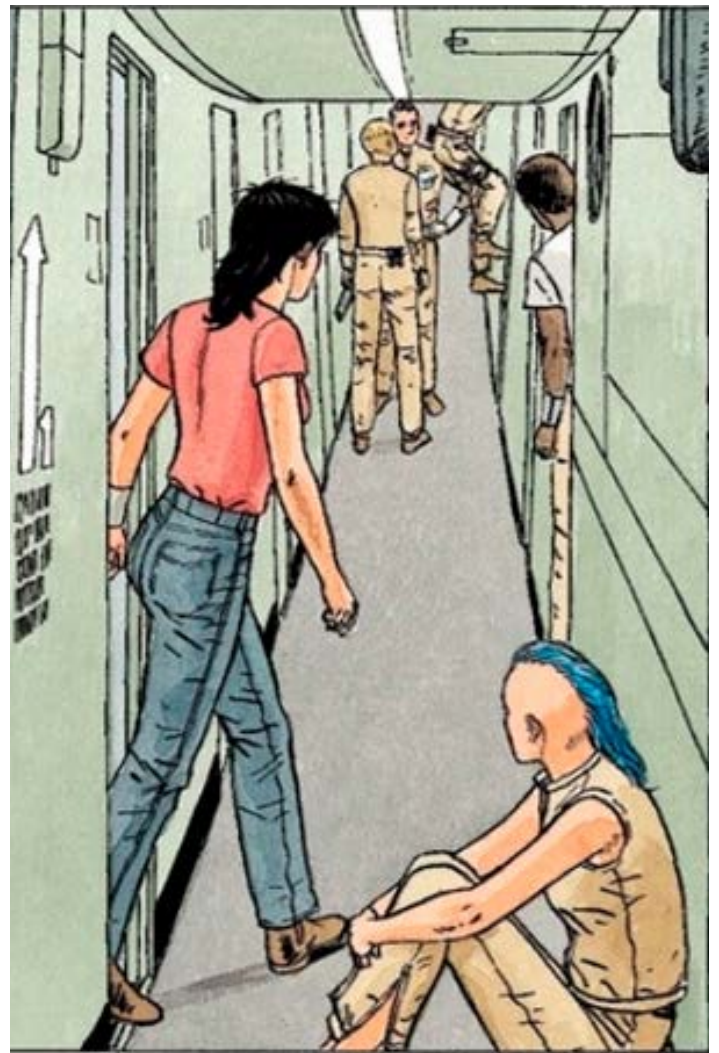


“Aldebaran”, volume 5.

uma HQ obrigatória para todo fã de ficção científica.

A série, composta de cinco volumes, fez tanto sucesso que ganhou duas sequências, Betelgeuse e Antares. No Brasil a série foi publicada pela Panini até a segunda parte, Betelgeuse. Antares continua inédita entre nós.

A saga de Aldebaran é dividida em 7 ciclos: Aldebaran e suas sequências Betelgeuse , Antares , Survivors , Return to Aldebaran , Neptune e Bellatrix . Cada ciclo é composto



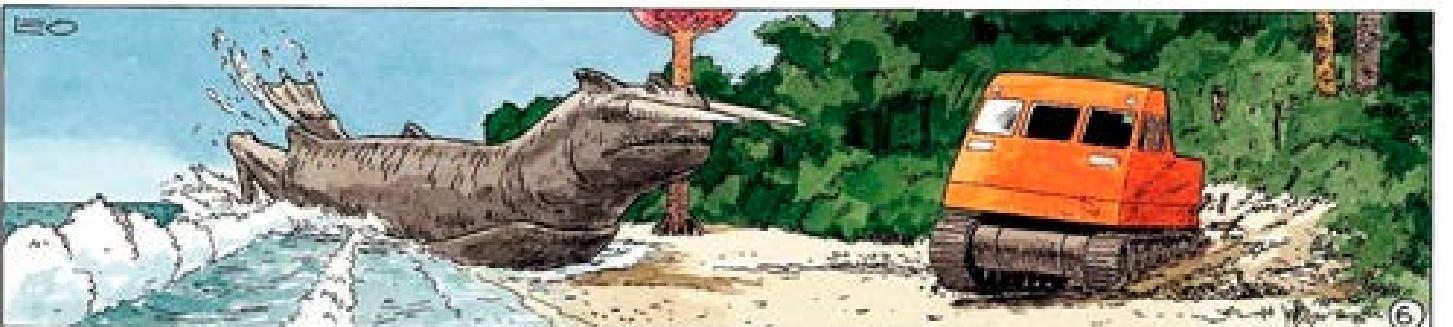
Um exemplo da incrível arte de Leo.

de dois a seis álbuns, e cada um corresponde a um planeta diferente. Embora seja possível ler os ciclos separadamente, eles são cronológicos para formar um todo coerente. Cada ciclo (e, portanto, planeta) introduz novos personagens secundários, embora os heróis centrais da história permaneçam constantes.

A série foi traduzida para vários idiomas, incluindo italiano , alemão , holandês , polonês , português , croata , espanhol , tcheco e inglês . | ■



Mais exemplos da incrível arte de Leo.





Gian Danton (pseudônimo de Ivan Carlo Andrade de Oliveira) é um escritor e roteirista brasileiro de histórias em quadrinhos, além de professor da Universidade Federal do Amapá. Começou a escrever quadrinhos com a história Floresta Negra, desenhada por Bené Nascimento (Joe Bennett) e publicada na revista Calafrio da Editora D-Arte. Publicou suas histórias em diversas editoras, como ICEA, Nova Sampa, Metal Pesado e pela estadunidense Fantagraphics Books. Em uma carreira literária, destaca-se o romance “Cabanagem”, publicado em 2020 pela AVEC Editora. O enredo parte de uma revolta popular chamada Cabanagem, que ocorreu na Província do

Grão-Pará entre 1835 e 1840. Em 2022, Danton se tornou um imortal da Academia Amapaense de Letras. O autor possui graduação em jornalismo pela Universidade Federal do Pará (1993), mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1997) e doutorado em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (2017). Como acadêmico, é autor de livros como “Jornalismo em quadrinhos” e “Como escrever quadrinhos”, ambos publicados pela editora Marca de Fantasia. É professor da Universidade Federal do Amapá. Saiba mais sobre o autor aqui:

<http://ivancarlo.blogspot.com/>

Lynn Venable: A dama que semeava pesadelos

POR C. R. ROHLING



A autora Lynn Venable

Em um canto discreto da ficção científica norte-americana do século XX, esconde-se Lynn (ou “Lyn”) Venable — pseudônimo adotado por Marilyn A. Venable para contornar o machismo em um gênero literário à época monopolizado pelos homens.

Nascida em 3 de junho de 1927, em Nova Jersey, Lynn teve uma carreira breve, porém significativa. Entre as décadas de 1950 e 1960, publicou em revistas como *Galaxy*

Science Fiction, *Weird Tales*, *Fantastic Universe* e *If Magazine*. Com um estilo sutil, irônico e profundamente humano, Venable transitava com naturalidade entre a ficção científica, o horror e a fantasia.

Pouco se sabe sobre sua vida, e sua morte (se é que realmente ocorreu) permanece envolta em mistério, algo bem ao gosto dos leitores de ficção fantástica. Não existem registros oficiais nem obituários que

confirmem seu falecimento, o que nos permite supor que Mrs. Venable talvez ainda esteja viva, prestes a completar um século de vida. Seja qual for o desfecho de sua história, sua voz permanece viva e pulsante.

Em 2012, já com mais de 80 anos e vivendo em uma casa de repouso para idosos em El Cerrito (Califórnia), Lynn narrou ao jornal *The Mercury News* um divertido episódio de sua vida: no primeiro dia de jardim de infância, aos cinco anos, ela simplesmente se levantou e foi embora da escola, tudo porque se recusava a tirar a soneca da tarde. “*Eu não estava cansada. Queria olhar os livros ilustrados*”, contou.

Provavelmente, desde os tempos de escola, a jovem já instigava um certo receio nos professores, que se intimidavam ao pensar em corrigir suas redações: se pedissem uma página, Marilyn era capaz de entregar vinte, ou até mais.

A paixão pela literatura, porém, não se encerraria em seus tempos de estudante. Aos 18 anos, Marilyn se casou, mudando-se para o Texas onde, durante uma ida ao supermercado, comprou sua primeira revista de ficção científica. Apaixonou-se imediatamente pelo gênero e passou a participar ativamente das seções de cartas dessas publicações que em uma era pré-internet funcionavam como verdadeiros fóruns de debate literário.

Seus textos logo chamaram a atenção do editor Forrest J. Ackerman, uma das figuras mais influentes da ficção científica da época. Impressionado com seu talento, ele se ofereceu para ser seu agente literário e passou a



Cena de “Além da Imaginação”

vender seus contos por cerca de 20 dólares cada, um valor bastante respeitável naquele tempo.

Sua obra mais conhecida, “*Time Enough at Last*”, foi publicada em janeiro de 1953 na *If Magazine*. O conto narra a história de Henry Bemis, um bancário míope apaixonado por livros que é constantemente impedido de ler por sua esposa e por um trabalho opressivo.

A história foi adaptada para a televisão como o oitavo episódio da primeira temporada de *The Twilight Zone* (no Brasil, “*Além da Imaginação*”), exibido em 20 de novembro de 1959, com Burgess Meredith no papel principal. Rod Serling comprou os direitos por 500 dólares, uma pequena fortuna para a época. “*Depois que ele comprou, passou a ser dele. Nada de royalties, nada*”, contou Lynn com naturalidade em sua única entrevista conhecida.

Ainda assim, Lynn aprovou a adaptação,

que se manteve fiel à essência de sua história. O episódio tornou-se um dos mais icônicos da série, vencendo o Prêmio Hugo de Melhor Apresentação Dramática de 1960, sendo até mesmo citado por Serling como um de seus episódios favoritos.

Mesmo longe dos holofotes, Lynn jamais abandonou o hábito da leitura. Ainda na entrevista ao *Mercury News*, revelou-se uma grande admiradora de Stephen King e contou ter sido uma leitora entusiasta de Ray Bradbury até se decepcionar profundamente com uma de suas declarações: segundo ele, a bomba atômica teria salvo os Estados Unidos do comunismo. “*Fiquei tão irritada que joguei fora todos os livros dele*”, confessou, sem disfarçar a amargura.

Embora “*Time Enough at Last*” permaneça como sua obra mais celebrada, Lynn também produziu outros contos igualmente perturbadores, como “*Homesick*” (*Galaxy Science Fiction*, 1952), “*Punishment Fit the Crime*” (*Other Worlds*, 1953), “*The Missing*

Room” (*Weird Tales*, 1953), “*Doppelganger*” (*Mystic Magazine*, 1954), “*Parry’s Paradox*” (*Authentic Science Fiction*, 1955) e “*Grove of the Unborn*” (*Fantastic Universe*, 1957).

Com uma marcante inclinação para o horror psicológico e o fantástico de tons sombrios, suas histórias mergulhavam com precisão nos medos e dilemas do cotidiano. Após décadas longe das prateleiras, muitos de seus textos encontram-se hoje em domínio público, disponíveis em plataformas como o Projeto Gutenberg.

Ao traduzir seu conto mais conhecido, procuramos honrar a força e a delicadeza de sua escrita, preservando a essência de uma autora que, com poucas palavras, era capaz de abrir abismos sob os pés do leitor.

Esta é, portanto, nossa modesta homenagem a uma grande contadora de histórias — e mantemos viva a esperança de que sua voz continue ecoando entre leitores como Henry Bemis: pessoas com pouco tempo, mas que sabem o valor do ato de ler. | ■

Cristiano Roberto Rohling é um enigma moderno: formado em Jornalismo e Processamento de Dados, ele consegue navegar com uma habilidade impressionante entre textos razoavelmente escritos e códigos Python, sempre mantendo o equilíbrio — embora a paciência, de vez em quando, fique pelo caminho. Gosta de pensar que arranha alguns idiomas além do português, o suficiente para se considerar um tradutor amador. Foi nesse espírito de confiança (ou de pura imprudên-

cia) que se atirou na tradução do clássico *A Cotovia do Espaço* (de E. E. “Doc” Smith, pioneiro da *Space Opera*) e do também lendário conto *O Reino das Sombras* (de Robert E. Howard, sim, o criador do Conan!). O resultado acabou valendo à pena.

Na Amazon:

* *A Cotovia do Espaço*: <https://www.amazon.com.br/dp/B0CG5JX7BN>

* *O Reino das Sombras*: <https://www.amazon.com.br/dp/B0CL8Y5WGK>

CONTO

Tempo Suficiente, Enfim

POR LYNN VENABLE |

TRADUÇÃO: C. R. ROHLING

A bomba nuclear significava, para a maioria das pessoas, o fim.

Para Henry Bemis, ela representava algo bem diferente — algo a ser apreciado e desfrutado.

Há muito tempo, Henry Bemis tinha uma ambição. Ler um livro. Não apenas o título ou o prefácio, nem somente uma página qualquer no meio. Ele queria ler tudo, da primeira até a última palavra. Uma ambição simples talvez, mas em sua vida atribulada, impossível de alcançar.

Henry não tinha tempo para si mesmo. Havia sua esposa, Agnes, que detinha aquela parte de seu tempo pelo qual seu empregador, o Sr. Carsville, não pagava. A Henry era permitido ter para si apenas o tempo suficiente para ir e voltar do trabalho — isso em si já sendo um grande favor concedido por Agnes.

Além disso, o destino parecia ter conspirado contra Henry ao presenteá-lo com um par de olhos terrivelmente míopes. O

pobre Henry mal conseguia enxergar a própria mão diante do rosto. Quando ainda era muito pequeno, seus pais chegaram a suspeitar que ele tivesse algum tipo de atraso mental. Foi só ao descobrirem que o problema estava na visão que providenciaram-lhe os óculos. Mas ele jamais se recuperou por completo. O tempo, para Henry, parecia sempre escasso. Seus sonhos, distantes. Irrealizáveis. Até que algo aconteceu — e tudo mudou.

Ilustração:
Rubens
Angelo



HENRY ESTAVA NO PORÃO DO EASTSIDE BANK & TRUST QUANDO AQUILO ACONTECEU. ROUBARA ALGUNS MOMENTOS DAS SUAS OBRIGAÇÕES NA GAIOLA DO CAIXA PARA TENTAR LER ALGUMAS PÁGINAS DE UMA REVISTA QUE HAVIA COMPRADO NAQUELA MANHÃ.

Tinha a desculpa pronta para o Sr. Carsville — precisava de uma grande quantia para um certo cliente — e, em seguida, na segurança dos sombrios recantos do cofre, tirara do casaco a revista de bolso.

Acabara de começar a ler uma série de artigos ilustrados intitulada com entusiasmo “*As Novas Armas e o Que Elas Farão Com VOCÊ*”, quando todo o barulho do mundo irrompeu em seus tímpanos. Era como se ele estivesse dentro e fora daquele som, tudo ao mesmo tempo. Então, o piso de concreto começou a subir contra ele e o teto deslizou, inclinado, em sua direção. Por um instante fugaz, Henry lembrou de uma história que começara a ler tempos atrás, intitulada “*O Poço e o Pêndulo*”. Naquele insano instante, arrependeu-se de nunca ter encontrado tempo para terminar aquela leitura e descobrir seu desfecho. Então tudo ficou escuro e silencioso, e ele caiu na inconsciência.

Quando Henry recobrou os sentidos, soube imediatamente que algo estava terrivelmente errado no *Eastside Bank & Trust*. A pesada porta de aço do cofre estava torcida e retorcida, o piso se inclinava em um ângulo vertiginoso, enquanto o teto ameaçava desabar loucamente sobre ele. Com cautela, Henry se ergueu, movendo braços e pernas de forma experimental. Certo de que nada estava quebrado, levou a mão delicadamente aos olhos. Seus preciosos óculos estavam intactos! Sem eles, jamais teria conseguido encontrar o caminho para fora daquele cofre em ruínas.

Henry fez uma anotação mental para escrever ao Dr. Torrance, pedindo que lhe enviasse um par reserva. Era um verdadeiro incômodo não ter sua receita arquivada localmente, mas Henry não confiava em ninguém além do Dr. Torrance para moldar aquelas grossas lentes conforme sua complicada prescrição. Ele retirou os óculos pesados do rosto. Instantaneamente, o ambiente se dissolveu em um borrão neutro. Henry viu uma mancha rosa que sabia ser sua mão, e uma mancha branca que se aproximava do borrão rosa enquanto ele retirava o lenço do bolso e cuidadosamente limpava suas lentes. Ao recolocar os óculos, eles deslizaram um pouco sobre o dorso do nariz. Já fazia tempo que ele pretendia ajustá-los.

De repente ele percebeu, sem que essa percepção realmente entrasse em seus pensamentos conscientes, que algo inesperado

havia acontecido, algo pior do que a explosão da caldeira, algo pior do que uma válvula de gás explodindo, algo pior do que qualquer coisa que já tivesse acontecido antes. Ele se sentiu assim porque tudo ao seu redor estava imensamente silencioso. Não havia o ranger das sirenes, nem gritos, nem correria, apenas um silêncio omni-noso e envolvente.

Henry atravessou o piso inclinado. Escorregando e tropeçando na superfície irregular, ele se dirigiu ao elevador, sendo que este jazia amassado no pé do poço como um acordeom descartado. Havia alguma coisa dentro dele que Henry não conseguia olhar, algo que um dia fora uma pessoa... ou talvez tenham sido várias pessoas, seria impossível dizer agora.

Sentindo-se enjoado, Henry cambaleou em direção à escada. Os degraus ainda estavam ali, mas dispostos de forma tão irregular e tão empilhados uns sobre os outros que pareciam mais a encosta



Ilustração: Rubens Angelo

de uma montanha do que uma escadaria. Reinava um silêncio profundo na imensa câmara que outrora fora o suntuoso lobby do banco. Estranhamente, havia uma certa alegria no ambiente, como se a luz do sol, filtrando-se pelas vigas expostas do teto desabado, emprestasse um toque de beleza à ruína. Feixes dourados salpicavam o saguão em silêncio, iluminando a desolação. Por toda parte, porém, amontoavam-se formas repulsivas que reviravam o estômago de Henry — e ele

fazia o possível para não fixar os olhos nelas.

Sr. Carsville! — ele gritou. O silêncio havia se tornado opressivo demais. Estava claro que algo precisava ser feito, especialmente naquela terrível segunda-feira. Sr. Carsville sabia o que fazer. Chamou novamente, mais alto, e a voz embargou-se roucamente:

Sr. Caaaaarsville! Então, seus olhos captaram um braço e um ombro projetando-se debaixo de um enorme bloco de teto de mármore caído. No botão do casaco, o cravo branco que o Sr. Carsville usara naquela manhã; no dedo anular,



um grande anel de sinete que também lhe pertencia. Desorientado, Henry percebeu que o restante do corpo do Sr. Carsville estava preso sob aquele peso de mármore.

Henry sentiu uma pontada verdadeira de tristeza. Sr. Carsville se fora, e, assim como ele, todos os outros funcionários haviam desaparecido — Sr. Wilkinson, Sr. Emory, Sr. Prithard, e o mesmo acontecia com Pete, Ralph, Jenkins, Hunter e Pat, o guarda, e Willie, o porteiro. Não restava mais ninguém para decidir o que deveria ser feito com o *Eastside Bank & Trust* além de Henry Bemis. Mas Henry não estava preocupado com o banco; havia algo que ele queria fazer.

Ele subiu com cuidado sobre pilhas de entulho caído. Em determinado momento, pisou em algo que estalou ao ser esmagado sob seus pés, e isso fez seus dentes rangerem para que não vomitasse. A situação na rua não era muito diferente do que havia no interior do banco — o sol brilhava forte e havia muito concreto para escalar —, mas a sensação desagradável era muito, muito pior. Por toda parte, havia formas estranhas e imóveis que Henry não suportava olhar.

De repente, ele se lembrou de Agnes. Deveria estar tentando chegar até ela, não deveria? Recordou-se de um cartaz que vira certa vez, onde se lia: *“Em caso de emergência, não use o telefone — seus entes queridos estão tão seguros quanto você.”* Ele pensou em Agnes. Olhou para os automóveis destruídos, alguns com as quatro rodas voltadas para o céu, como as patas rígidas de animais mortos. De qualquer forma, ele não conseguiria chegar até Agnes agora.

Se ela estivesse segura, bem, então estava segura. Caso contrário...

CLARO, HENRY SABIA QUE AGNES NÃO ESTAVA SEGURA. TINHA UMA SENSAÇÃO — UM PRESENTIMENTO SOMBRIO — DE QUE NINGUÉM ESTAVA SEGURO, NEM POR MUITAS MILHAS AO REDOR, TALVEZ NEM NO ESTADO INTEIRO, OU NO PAÍS, OU MESMO NO MUNDO.

Não, esse era um pensamento que Henry se recusava a cultivar. Expulsou-o da mente com esforço e voltou a pensar em Agnes.

No fim das contas, ela tinha sido uma boa esposa. Agora que tudo estava dito e feito, ele conseguia ver isso com clareza. Não era exatamente culpa dela se as pessoas já não tinham tempo para ler. Havia sempre a casa, o banco, o jardim. Havia os Jones para uma partida de bridge, os Graysons para canastra, e as charadas com os Bryants. E a televisão — aquela televisão que Agnes tanto gostava de assistir, mas jamais assistia sozinha. Ele nunca tinha tempo nem para ler o jornal. Começou a se lembrar da noite passada, daquele episódio com o jornal...

Henry se instalara em sua cadeira de

forma silenciosa, temendo que um rangido da mola pudesse chamar a atenção de Agnes para o fato de que ele estava momentaneamente ocupado em não fazer nada. Desdobrou lenta e cuidadosamente o jornal, pois o estalar agudo do mesmo seria como um chamado sonoro para Agnes. Ele lançou um olhar às manchetes da primeira página. *“Colapso Iminente na Conferência”*. Não tinha tempo de ler a matéria completa. Virou-se para a segunda página. *“Solon Prevê Guerra Dentro de Poucos Dias”*. Folheou mais rapidamente as páginas, lendo breves trechos aqui e ali, temendo gastar muito tempo em qualquer item. Em uma das últimas páginas havia um artigo breve intitulado, *“Fósseis Pré-Históricos Desenterrados No Yucatán”*. Henry sorriu consigo mesmo e, com delicadeza, dobrou a folha de papel em quatro partes. Isso seria interessante, e ele leria tudo. E então chegou a voz de Agnes. *“Hennrrreee!”* E logo ela estava em cima dele. Leve como uma brisa, afastou o jornal das mãos dele e o jogou na lareira. Ele viu as chamas subirem e enrolarem-se possessivamente ao redor do artigo ainda por ler. Agnes continuou: *“Henry, hoje é a noite de bridge com a família Jones. Eles chegarão em trinta minutos e eu ainda não estou vestida, e aqui você está aí... lendo”*. Ela enfatizou a última palavra como se fosse um ato impuro. *“Vá logo se barbear, sabe como o queixo do Jasper é lisinho, e então organize este quarto.”* Ela olhou tristemente para a lareira. *“Oh meu Deus, esse jornal tinha o horário da televisão... bem, depois que os Jones forem embora não haverá tempo*

para nada além de um filme de madrugada e... Não fique parado aí, Henry, se apresse!”

Henry apressava-se agora — talvez rápido demais. Acabou cortando a perna em um pedaço de metal retorcido, que em outros tempos fora o para-lama de um automóvel. Pensou em coisas como tétano e gangrena, e sua mão tremia enquanto amarrava o lenço de bolso ao redor do ferimento. Em sua mente, a imagem do fogo retornava vívida — as chamas lambendo a superfície do jornal da noite anterior. Pensou que agora teria tempo para ler todos os jornais que quisesse... mas agora não haveria mais nenhum. Aquele monte de escombros do outro lado da rua fora, um dia, o prédio da Gazette. Era terrível pensar que jamais haveria outro jornal atualizado. Agnes teria ficado profundamente incomodada — sem os horários da televisão. Mas, é claro... também não haveria televisão. Quis rir. Mas não riu. Aquilo não seria apropriado. Nem um pouco.

Ele conseguia ver o prédio que procurava agora, mas seu contorno estranhamente havia mudado. A grande cúpula circular era agora um círculo irregular, metade dela desaparecida, e uma das grandes asas do edifício tinha caído sobre si mesma. Um pânico súbito apoderou-se de Henry Bemis. E se todos tivessem sido danificados, destruídos, um por um? E se não restasse nem um único exemplar? Lágrimas de impotência brotaram em seus olhos enquanto ele lutava penosamente para atravessar sobre os fragmentos torcidos da cidade.



Ele pensou no prédio quando este ainda estava intacto. Recordava as muitas noites em que parara diante de suas amplas e convidativas portas. Pensou nos dias quentes quando as portas estavam abertas e ele podia ver as pessoas lá dentro, sentadas às mesas de madeira simples com pilhas de

livros ao lado delas. Ele costumava pensar então que uma biblioteca pública era uma coisa maravilhosa, um lugar onde qualquer pessoa, qualquer pessoa sem exceção, podia entrar e ler.

Por muitas vezes, ele já fora tentado a entrar ali. Observava as pessoas através das portas abertas: o homem de roupa suja de trabalho que se sentava próximo à entrada,

noite após noite, estudando com esforço — talvez um jornal técnico difícil para ele, mas que prometia um futuro melhor. Havia também um senhor idoso e erudito, sentado do outro lado da porta, folheando os livros calmamente, movendo levemente os lábios enquanto o fazia — um homem com pouco tempo restante, mas rico em tempo, pois podia usá-lo como desejasse.

Henry nunca entrou. Ele começou a subir as escadas uma vez, chegou quase à porta, mas então se lembrara de Agnes, suas perguntas e gritos, e virara-se para ir embora.

Agora, no entanto, ele estava entrando, quase rastejando, sua respiração vindo em soluços afiados, as mãos desgarradas e sangrando. A perna de sua calça estava pegajosa de vermelho onde o ferimento havia ensopado o lenço. Doía muito, mas Henry não se importava. Ele chegara ao seu destino.

Parte da inscrição ainda permanecia lá, acima do que agora era uma entrada sem porta: B-I-B-L-I-O-T-E-C-A P-U-B-L... O restante havia sido arrancado. O lugar estava em ruínas. As prateleiras estavam viradas, quebradas, despedaçadas, inclinadas, com seus preciosos conteúdos espalhados em desordem pelo chão. Muitos dos livros, notou Henry com prazer, ainda estavam intactos, inteiros, legíveis. Ele estava literalmente de joelhos sobre aqueles livros; afundava-se neles. Pegou um. O título era *Obras Completas de William Shakespeare*. Sim, ele devia ler aquilo em algum momento. Colocou-o cuidadosamente de lado. Pegou outro: Espinoza. Jogou-o longe, agarrou

outro, e depois mais um. Qual seria o primeiro a ser lido... havia tantos.

Ele se comportava como um homem faminto em um empório gourmet — agarrando um pouco disso e um pouco daquilo num frenesi de prazer.

MAS AGORA ELE SE ACALMOU. DA PILHA AO SEU REDOR, ESCOLHEU UM VOLUME, SENTOU-SE CONFORTAVELMENTE SOBRE UMA PRATELEIRA VIRADA E ABRIU O LIVRO.

Henry Bemis sorriu.

Houve, todavia, o murmúrio das pedras se queixando. Era minúsculo em comparação com as épicas reclamações que se seguiram à queda da bomba. A perturbação aconteceu sob um canto da prateleira sobre a qual Henry estava sentado. A prateleira se moveu, e ele perdeu o equilíbrio. Seus olhos escorregaram do nariz e caíram com um tilintar.

Ele se abaixou, tateando às cegas, e finalmente encontrou os restos estilhaçados. Aquela fora uma pequena e indireta destruição, resultante do súbito e completo esmagamento de uma cidade — mas aquele era o único objeto que realmente interessava a Henry Bemis.

Ele fixou o olhar na página borrada diante de si.

Ele começou a chorar. | **FIM**

Às vezes, a **realidade** pode ser mais fantástica que a **ficção**. A partir de agora você vai conhecer relatos — baseados em testemunhos reais — que irão desafiar todas as suas crenças e convicções sobre nosso mundo e o vasto universo misterioso que nos cerca. Em uma parceria com os investigadores do canal “Enigmas Fantásticos”, a Somnium apresentará algumas destas histórias inexplicáveis e intrigantes. **Confira os relatos e tire suas próprias conclusões...**

O caso Hellwig

UM ENCONTRO INESPERADO, NO INTERIOR DO BRASIL

LOCAL: SANTA MARIA,
RIO GRANDE DO SUL,
BRASIL.
DATA: MARÇO DE 1954.
HORA: 17:00



Em uma tarde de verão, Rubem Hellwig, agricultor de origem alemã, voltava para casa por uma estrada de terra em meio ao campo quando, a cerca de 50 metros, avistou um objeto estranho pousado próximo à estradinha. A nave tinha aproximadamente o tamanho de um carro, possuía formato oval e estava envolta por um anel luminoso em tonalidades de azul e amarelo.

Ao se aproximar, Hellwig foi surpreendido por uma cena inesperada: a nave estava com a escotilha aberta, revelando o interior intensamente iluminado. Dentro dela, havia um ser que permanecia sentado, enquanto outro estava do lado de fora, colhendo capim e entregando ao que estava no interior. Ambos tinham corpo esguio, pele morena e cerca de 1,60 m de altura.



De repente, o ser do lado de fora caminhou em direção a Hellwig. Cada passo era firme, preciso, mas estranhamente calmo. O ser carregava uma garrafa com um líquido

avermelhado. Quando ficou a poucos metros, ergueu a garrafa e falou em uma língua totalmente desconhecida. Hellwig não compreendeu uma única palavra, mas pelo tom

e pelos gestos, soube-lhe claramente que o homem estava pedindo uma pequena quantidade de amônia. Surpreso por “entender” sem compreender, Hellwig apontou a direção de uma farmácia em uma vila próxima. O ser fez um breve aceno de reconhecimento e voltou calmamente para a nave, enquanto a luz azul-amarelada continuava a pulsar ao seu redor.

O ser entrou no objeto e a escotilha se fechou imediatamente. Uma luminosidade intensa surgiu de quatro tubos em cada lado da nave, iluminando a vegetação ao redor. Hellwig recuou instintivamente, sentindo o calor em seu rosto. Em seguida, a nave se elevou com velocidade impressionante e desapareceu em silêncio no céu em questão de segundos. O coração de Hellwig disparou e ele ficou completamente atônito com o que acabara de presenciar.

Impressionado, Hellwig seguiu seu caminho até sua casa. Ao chegar lá, contou toda a experiência à esposa, descrevendo a nave, os seres e a sensação intensa de ter vivido algo fora do comum. A reação dela foi de surpresa e preocupação.

Na manhã seguinte, ao retornar para o campo, Hellwig ainda estava profundamente impressionado e abalado pela lembrança do encontro anterior. Foi quando ele percebeu a cerca de 50 metros à sua frente, mais uma vez: um aparelho semelhante ao do dia anterior diante de seus olhos, mas desta vez com outros ocupantes. Do lado de fora da nave estavam um homem alto, de pele clara, e duas mulheres com olhos puxados e longos cabelos negros. Todos vestiam

trajes marrons de uma só peça, semelhantes a camurça, com fecho como zíper. A cena não deixava dúvidas de que aqueles seres vinham explorando a região há alguns dias, observando e estudando o local de forma meticulosa.

ELES CHAMARAM HELLWIG, FAZENDO GESTOS PARA QUE SE APROXIMASSE, E, DE REPENTE, ELE SENTIU ALGO TOTALMENTE EXTRAORDINÁRIO: A COMUNICAÇÃO PENETROU DIRETAMENTE EM SUA MENTE, DE FORMA IMEDIATA E INTENSA.

Cada palavra era compreendida claramente, em português, mas o ritmo era melódico, quase musical. A sensação de receber mensagens diretamente na cabeça, sem nenhum som audível, deixou Hellwig impressionado de um jeito que ele jamais esqueceria.

Hellwig percebeu imediatamente que os seres eram pacíficos. Não havia ameaça, apenas uma curiosidade profunda. Os visitantes começaram descrevendo a riqueza natural do Brasil, falando das imensas florestas, rios abundantes e recursos que tornavam o país único. Demonstraram surpresa ao perceber que Hellwig, ao contrário de outras pessoas que os haviam encontrado e se afastado imediatamente, não recuou ao

vê-los. Mesmo diante do desconhecido, ele permaneceu firme, observando cada detalhe com atenção e fascínio.

EM SEGUIDA, OS SERES EXPLICARAM QUE VINHAM DE UM PLANETA CHAMADO ARION, SITUADO MUITO ALÉM DA ESTRELA MAIS DISTANTE CONHECIDA NA TERRA.

Sua sociedade era guiada por um líder íntegro, escolhido por todos, cuja autoridade vinha do respeito e da confiança de seu povo, e não por nascimento ou força. Hellwig foi convidado a observar a nave de perto. Ela media menos de 3 metros de comprimento e possuía a parte frontal transparente, permitindo ver claramente o interior e os ocupantes. Eles também detalharam, com precisão e clareza, aspectos da construção e da propulsão da nave, mostrando o conhecimento avançado de sua civilização.

Ao se despedirem, a nave partiu silenciosamente, deixando apenas uma leve brisa, mas a sensação duradoura de assombro permaneceu com Hellwig. Após essa experiência, ele voltou para casa profundamente impressionado, relatando à esposa cada novo detalhe: os seres, a nave, a comunicação telepática e a intensa sensação de ter presenciado algo extraordinário.

Após o contato, Hellwig passou a ter percepções mais aguçadas e desenvolveu habilidades mentais incomuns, que ele próprio

relatou como premonições e clareza sobre aspectos do mundo. Procurou médicos e psicólogos, mas nada conseguiu explicar ou tratar esses efeitos, que o marcaram para sempre... | ■



FONTES DO RELATO: O caso foi revelado pelo Diário de Notícias (Rio de Janeiro) em 25 de agosto de 1965, quando Rubem Hellwig decidiu relatar o ocorrido, mais de onze anos depois. Em seguida, foi investigado por Gordon Creighton, diplomata britânico radicado no Brasil e pesquisador de ufologia, que documentou minuciosamente o episódio no artigo “The Ruben Hellwig Contact Claim”, publicado na Flying Saucer Review (Reino Unido, vol. 12, nº 6, nov./dez. 1966).

- O caso é relatado no livro do astrônomo e pesquisador Jacques Vallée, “Passaporte para Magonia – Sobre OVNI, Folclore e Mundos Paralelos” (editora Contemporary Books, EUA).

- O caso também está documentado no livro Encontros Humanóides 1950–1954: Os Outros entre Nós (Humanoid Encounters 1950–1954: The Others Among Us), de Albert S Rosales, pesquisador cubano-americano que se tornou referência internacional ao compilar milhares de relatos de encontros com seres humanóides ao redor do mundo.

Enigmas Fantásticos: texto, pesquisa e imagens. Para mais relatos incríveis, confira o Canal de YouTube:

<http://www.youtube.com/@Enigmas77>



A Antiguidade

POR LAILTON GARCIA

Um quadro, será?

Mas qual deles?

Pois no interior da austera residência de madeira de dois pisos, preenchida de uma opressividade silenciosa e lúgubre, pelo que Isadora viu até agora, o que não faltam são pinturas cobrindo as velhas paredes. Em cada tela, sempre o mesmo cenário de fundo — um frondoso bosque —, e diante dele, pintadas da cintura para cima, os ombros caídos, os braços entregues à gravidade, as figuras individuais de diferentes jovens de

aspecto entorpecido. Na face de cada retratada, o mesmo olhar vago de abandono, como se não passassem de manequins de variadas épocas — as diferentes vestimentas dão essa percepção — tirados de seu ambiente.

E nenhum sorriso nas *Monalisas*...

Sim, muitos quadros; alguns de molduras até bonitinhas, com acabamentos intrincados, ela se vê obrigada a concordar, mas nada chamativo, que indique grande valor de mercado. Nem assinatura eles têm, nota.

COISA ESTRANHA. CHEIA DE CORREDORES E CÔMODOS PARECIDOS, A CASA VEM SE MOSTRANDO UM VERDADEIRO LABIRINTO NA BUSCA ATÉ AGORA INFRUTÍFERA POR ALGO QUE VALHA A PENA SURRUPIAR. MAS TUDO BEM, PENSA ISADORA — UM POUCO DE DIFICULDADE ANTES DO GRANDE PRÊMIO, SEJA ELE QUAL FOR, ATÉ QUE FAZ BEM PARA O ÂNIMO DE UMA GATUNA AUDAZ.

Agora, já no andar de cima, vencidos os rangentes degraus da escada, ela vê um foco de luz difuso recaindo sobre uma porta de madeira, no fim do corredor, quase todo entregue às sombras. Isadora, como que atraída por um polo magnético, então, se aproxima dela, margeada por mais dos mesmos quadros. A porta, toda envernizada, tem um acabamento cheio de símbolos reconhecíveis, porém confusos em sua organização — planetas, signos do zodíaco, letras de alfabetos distintos (grego, russo, japonês). Curiosa, Isadora leva a mão e experimenta a maçaneta prateada, que facilmente cede para o interior do ambiente, liberando uma lufada do calor preso ali dentro.

O que ela encontra é um cômodo amplo,

recendendo levemente à hortelã, com paredes forradas de prateleiras cheias de livros, todos com aspecto de terem sido impressos ainda no período do Brasil Imperial. De fora, vem uma luz dura, quente, que atravessa o vidro amarelado da janela oval atrás da robusta escrivaninha de carvalho e aço e vai dar nas poltronas de couro marrom no meio da sala. Ela percebe mais símbolos, como os da porta, agora nas tábuas do chão e também nas ripas do teto alto e curvo.

Será que a velha guardou a antiguidade aqui? Isadora se pergunta, os olhos passeando pelo local; vistas acostumadas a procurar e encontrar coisas valiosas, que sua mente sempre lhe permite pensar que ela achará melhor proveito do que os donos até então. Bem, se guardou, escondeu muitíssimo bem, pois a garota passa boa parte da manhã ali, com as mãos enluvadas folheando e desfolhando livros empoeirados, revirando almofadas, rasgando o forro das poltronas, movendo a pesada escrivaninha de lugar. Entretida em sua busca — e seus gestos automáticos e precisos demonstram boa experiência nisso —, ela se questiona se esta será a sua grande chance de, finalmente, dar um jeito na vida, de fugir de vez, de “aquietar o facho”, como diz sua mãe (ou dizia — faz anos já...).

E procura, e procura... E nada!

Se bem que nem sabe direito o que deveria estar procurando.

De passagem pela vila, ficou sabendo da casa desabitada e do que diziam que a moradia secular guardava, e isso atiçou sua curiosidade. Sabe apenas que é uma



antiguidade de valor incalculável o que todos do local juram que dona Irene Stockler, a recém-falecida proprietária de ascendência romena, deixou na moradia. O que é, ninguém soube ou quis dizer.

— Você vai servir — diz uma voz seca e gasta, que parece vinda de outro tempo e lugar, atrás da garota, e Isadora pula, como que alfinetada na perna, tamanho o susto que leva.

— Ah! — diz Isadora, coração acelerado, palpitante, subindo garganta acima, voltando sua atenção para a porta e percebendo a mulher de cabelos brancos e ralos, cara enrugada e corpo murcho sob um vestido branco simples, parada ali, na soleira. Como se tivesse algum direito de se indignar com a intromissão, a jovem, recuperando-se do sobressalto, pergunta, cortante: — Quem é você?

— Ora, minha filha — responde a mulher, a candura em pessoa —, eu sou aquela cuja propriedade está tentando roubar.

— Mas... Mas disseram...

— Que eu morri? — completa aquela que só pode ser dona Irene, então ri, e o que sai é um som de disco arranhado, logo cedendo espaço para se transformar numa tosse seca, como se viesse fumando dois maços por dia desde a Semana de 22. Recompondo-se, a frágil senhora completa: — Eu sempre me divirto com esse trecho do caso. Mas o mais certo é que já vivi muitas vidas desde que aqui pousei.

Confusa, Isadora percebe só agora a movimentação de pessoas atrás da anciã, surgindo da penumbra do corredor. Eles

começam a entrar no cômodo, vindo na sua direção, passando respeitosamente pela velha como se ela fosse um mirrado tronco de árvore resistindo à correnteza. Isadora reconhece alguns daqueles rostos que se aproximam — os malditos que acenderam a chama da sua curiosidade —, incluindo o do dono do pequeno hotel, que, por fim, foi quem lhe deu o endereço da casa, quando ela se registrou com o falso nome de Myléne Lugosi, uma turista apenas de passagem.

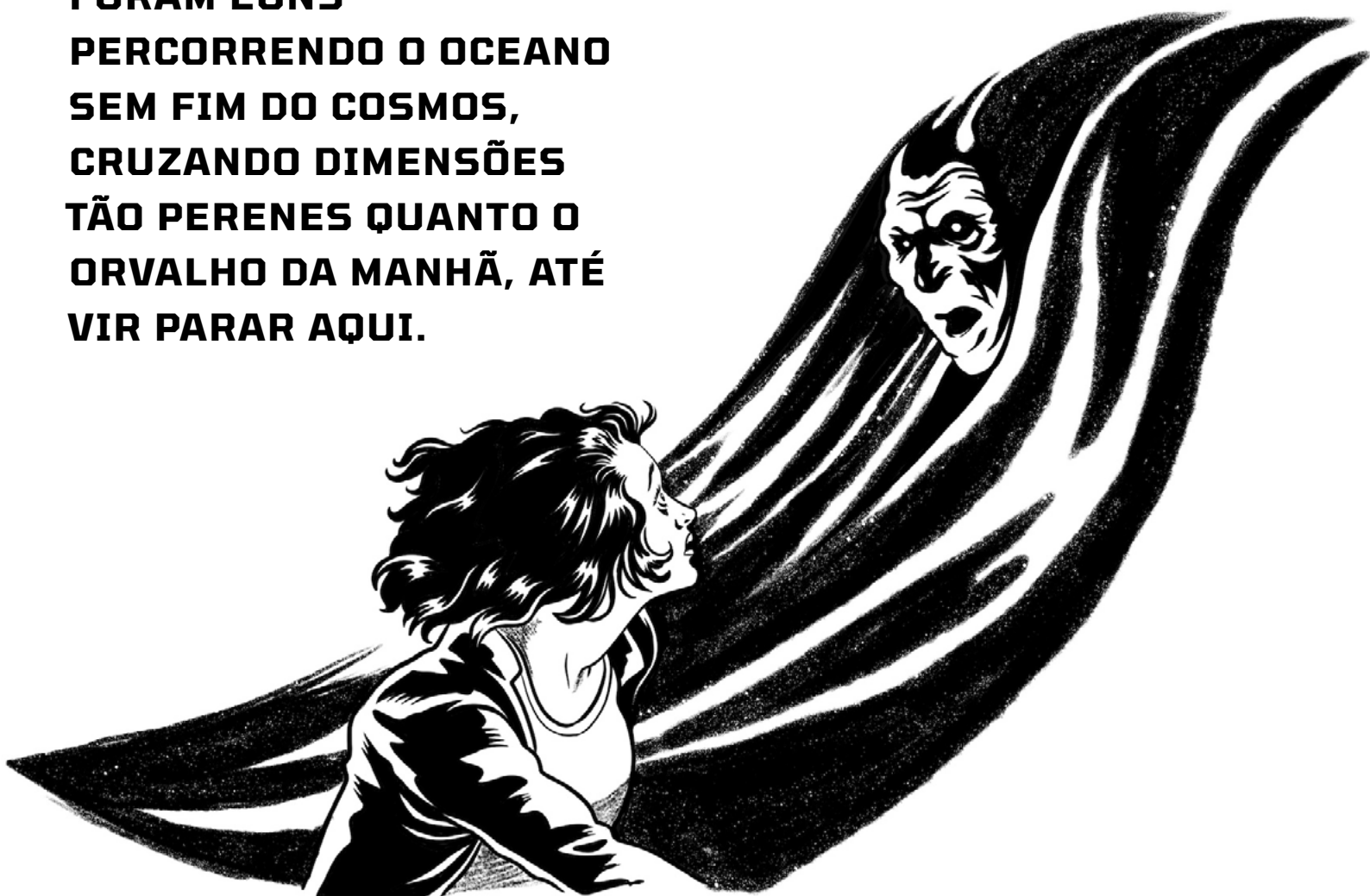
ISADORA, DANDO-SE POR VENCIDA, LEMBRANDO QUE DEIXOU O CELULAR NO CARRO (UM FORD KRIPTA 2018, ROUBADO TAMBÉM), NÃO GRITA, NEM MESMO SE DESESPERA QUANDO MUITAS MÃOS SE APOSSAM DELA — FOI CRIADA ASSIM, PARA ACEITAR A DERROTA QUANDO INEVITÁVEL, NÃO CEDENDO ÀS EMOÇÕES. SUA FILOSOFIA SEMPRE FOI A DE QUE O DESESPERO ENTORPECE A MENTE E DE NADA SERVE PARA RESOLVER PROBLEMAS.

Ainda apenas observando, a frágil idosa, da porta, pigarreia, então diz:

— Você veio pela antiguidade, não? Pois

bem, aqui estou, minha querida. — Dona Irene faz um gesto displicente com a mão magra e trêmula, indicando a bagunça que a jovem fez no cômodo. — E não se preocupe com os danos que fez. Eu mesma já fiz muita, como se diz?, baderna, enquanto procurava entender meu papel na grande tragédia da existência.

**FORAM ÉONS
PERCORRENDO O OCEANO
SEM FIM DO COSMOS,
CRUZANDO DIMENSÕES
TÃO PERENES QUANTO O
ORVALHO DA MANHÃ, ATÉ
VIR PARAR AQUI.**



Instantes depois, Isadora, não sem alguma luta, entorpecida por certo tipo de chá, está sentada sobre uma pedra lisa no gramado aos fundos da casa. Dona Irene, de frente para ela, numa distância de poucos metros,

trabalha com pincel numa tela branca sobre um cavalete, pinçando cores da paleta em sua inquieta mão, concentrada em sua arte, seu vestido branco todo multicoloridamente respingado. O povo todo da vila está ali, até

as crianças, que brincam e correm e riem ao redor. Os adultos entoam uma música de língua desconhecida, seus olhos caídos sobre a moça na pedra.

E, mesmo sendo um fim de manhã ensolarado de outubro, cheirando à frescura da natureza, há tochas acesas pelo quintal.

ISADORA SENTE UM FORMIGAMENTO PARTICULAR CONFORME DONA IRENE DÁ SUAS PINCELADAS FINAIS NA TELA, COMO SE, POUCO A POUCO, TRAÇO A TRAÇO, FOSSE SE SENTINDO MAIS E MAIS ESVAZIADA DE SUA ESSÊNCIA, MURCHANDO COMO UMA BEXIGA COM A PONTA PRESA ENTRE O INDICADOR E O POLEGAR QUE LENTAMENTE DIMINUEM A PRESSÃO DO APERTO.

“Não haverá dor alguma, mas aqui termina sua vida de erros”, prometeu a idosa enquanto a forçavam a tomar o chá de hortelã batizado meia hora atrás.

Não demora e Isadora, exausta, cai para trás, sobre a pedra quente, tendo o céu azul e sem nuvens acima, com o bosque denso de árvores e sombras por trás.

Está morta segundos depois; e o quadro, um retrato apático seu, está terminado; e dona Irene, apesar de conservar a mesma aparência frágil e idosa, se sente jovem e desperta novamente.

— Pronto — diz a senhorinha, limpando as mãos agora firmes no vestido. — Mais uma vez, meu estoque de curas está reabastecido. Agora, se apressem antes que o poço seque: quem aqui tem alguma dor para eu amenizar? | **FIM**



Lailton Garcia nasceu e vive em Maringá-PR. Formado em administração, já publicou contos em diferentes antologias — Questão de Tempo (Editora Persona), Dossiê Extraterrestrial (Editora Cyberus), É Quase Halloween (Obook Editora), Revista Mistério Retrô 18,

dentre outras. Se na leitura e na cinefilia é um apreciador onívoro, no campo da escrita sua especial predileção recai sobre narrativas direcionadas ao campo da ficção fantástica.

E-mail: lailton.garcia.87@gmail.com

Instagram: [@lailton.s.garcia](https://www.instagram.com/lailton.s.garcia)

Comemore os 40 anos do CLFC conosco!

O livro “Voltas ao redor do Sol-2025” é uma celebração dos 40 anos do CLFC – Clube de Leitores de Ficção Científica (criado em

1985). Quer participar? Envie seu conto de ficção científica e participe da seleção. Confira as edições anteriores:



Edição 2023:

<https://a.co/d/dkAaefe>



Edição 2024:

<https://a.co/d/cPr-z2sX>

VOLTAS AO REDOR DO SOL 2025 - REGULAMENTO

1 – Participantes

1.1 – O concurso destina-se a escritores de língua portuguesa, sendo livre para escritores iniciantes ou para autores já consagrados. Os escritores podem ser residentes de qualquer país, desde que maiores de 18 anos;

1.2 – A inscrição é GRATUITA e NENHUM VALOR SERÁ COBRADO dos candidatos para a participação no concurso, com revisão, preparação de texto ou posteriormente, para publicação da antologia;

1.3 – O que desejamos: essencialmente, histórias

de ficção científica, como utopias, distopias, ucronia (história alternativa), cyberpunk, steampunk, diselpunk, solarpunk, new weird, afrofuturismo, amazofuturismo, viagens no tempo, viagens espaciais, universos paralelos, alienígenas...

• O que não desejamos: conteúdo pornográfico ou com violência extrema, linguagem vulgar, textos criados por IA (Não utilize ferramentas de Inteligência Artificial, como o ChatGPT, para criar seu conto, mesmo que parcialmente. Nossas antologias têm por objetivo valorizar o autor nacional, e não inteligências virtuais);

1.4 – O CLFC se reserva o direito de indicar alterações/revisões visando a melhora dos textos selecionados sempre que achar necessário. Os textos selecionados só serão publicados caso o(a) autor(a) altere seu texto conforme orientação do editor.

1.5 – O livro “Voltas ao Redor do Sol” tem como objetivo primeiro promover e valorizar a ficção científica nacional e seus criadores. O segundo objetivo é garantir a manutenção do CLFC (assim, a antologia será publicada na Amazon e os valores arrecadados ajudarão a manter as atividades do Clube, como a manutenção do site, da revista Somnium e do prêmio Argos). Dessa forma, os autores participantes do livro cederão os royalties de seus contos em benefício do CLFC.

2 – Orientações

2.1 – Antes de enviar seu texto, leia-o com atenção e revise toda a ortografia (apesar de termos revisores, um texto sem erros de português sempre tem mais chances de publicação);

2.2 – Os contos não precisam ser inéditos, podendo estar online em qualquer plataforma, ou já terem sido publicados anteriormente em outras coletâneas, sempre respeitando os direitos autorais adquiridos por outras editoras previamente, ou seja, o direito autoral do texto, para a participação no concurso, precisa estar 100% com o autor;

2.3 – Os textos deverão ser encaminhados para o e-mail indicado (envio-somnium@clfc.com.br) com o assunto “Voltas ao redor do Sol”, respeitando o seguinte formato:

- Arquivo Word (.DOC ou .DOCX - NÃO ACEITAREMOS PDF) no tamanho A4; espaçamento 1,5 entre linhas; fonte Times New Roman (12);

O conto pode ter o máximo de 7.000 palavras;

2.4 – Cada autor(a) poderá participar do concurso com apenas 1 conto;

2.5 – O conteúdo precisa ser 100% criado pelo autor e qualquer indício de plágio acarretará desclassificação;

2.6 – Não serão aceitos contos que contenham conteúdo pejorativo, discriminatório ou que incitem ódio e preconceito;

2.7 – Não serão aceitos contos em coautoria, salvo por convite do Editor.

2.8 – Evite notas de rodapé desnecessárias e não coloque qualquer dedicatória em seu texto.

2.9 - O prazo para envio dos contos é até o dia 15 de novembro de 2025.

3 – Publicação

3.1 – A antologia terá uma média de 10 (dez) contos participantes. Dentre os quais, aqueles escritos pelos autores selecionados através deste concurso, podendo haver também a participação de autores convidados pelo Editor;

3.3 – A antologia será publicada em formato digital pela plataforma Amazon;

3.4 – A participação do autor no livro implica a concordância com todos os termos aqui estabelecidos.

4 – Direitos autorais

4.1 – Não há exigência de exclusividade para a antologia, ou seja, os autores poderão publicar seus contos em outros lugares ou coletâneas;

4.2 – Todo autor(a) receberá um exemplar do livro em formato digital. ■

Rubens Angelo (Organizador da antologia e também Editor da Somnium)

Quer publicar seu conto na Somnium?

Muita gente me pergunta o que é preciso para ser selecionado, mas a verdade é que não há fórmula nem regra rígida. Se você gosta de literatura de ficção científica, curte histórias instigantes que te faz pensar, então já está no caminho certo. Aceitamos todo o tipo de histórias fantásticas, sejam aventuras espaciais com monstros e robôs, sejam viagens intimistas entre dimensões paralelas. Você imaginou uma história que se passa em um outro mundo, onde os homens cavalgam dragões alados e se armam com cristais que emitem poderosos raios — como magia? Nós gostamos disso também! Os limites estão na sua imaginação e queremos mesmo que exercite ela. Publicamos textos grandes, médios e pequenos — quer mandar uma ficção-relâmpago com 500 palavras? Publicamos também! Então espero que tenha ficado claro: não há regras de tamanho nem temas melhores ou piores. Queremos boas histórias!

Bem, dito tudo isso, agora vamos a algumas dicas de ouro, que certamente farão seu conto ter mais chances de ser selecionado:

- Escreva de um jeito simples e direto, de forma que o leitor entenda tudo o que você quer dizer. Excessos de termos técnicos,

frases longas ou descrições demoradas podem atrapalhar o entendimento do texto.

- Revise seu texto (ou peça para um amigo fazê-lo). Um conto bem escrito, sem erros de português, é sempre um conto melhor.

- Tenha consciência de que tudo que está no texto é necessário. Contos longos exigem mais técnica literária e suas chances de errar aumentam. Por vezes, menos é mais.

- Conte uma história, debata uma ideia, mas lembre-se que é sempre bom mostrar personagens que sintam, que desejem, que sofram, que vivam ou que morram. Bons personagens seguram o leitor e são os seus olhos e ouvidos no mundo ficcional que você criou.

- É obrigatório falar do Brasil ou ter personagens brasileiros? É claro que não. Mas tenha em mente que grandes autores falam daquilo que conhecem bem, daquilo que têm alguma intimidade.

- Como brasileiros, conhecemos bem o nosso lugar, nossa cultura, nossa frustração. Esteja preparado para críticas e sugestões. Os textos publicados passam por um processo de leitura crítica do editor junto ao autor, é assim que profissionalizamos nossa literatura. Mal posso esperar para ler e publicar suas histórias! ■

Envie seu texto (formato .doc ou docx) para o email:
envio-somnium@clfc.com.br

Rubens Angelo, Editor



Conheça nossa equipe

A revista Somnium é feita por um grupo dedicado que tem muito amor pela ficção científica e a literatura fantástica em geral. Para quem não sabe, todos os contos enviados para a Somnium são lidos, primeiro, pelo GRUPO DE LEITURA CRÍTICA. Essa equipe é quem avalia a história, levando em conta aspectos como a originalidade da narrativa, a coerência e a técnica literária do autor(a). Em suma, o grupo decide se o texto submetido será ou não publicado, apresentando, em qualquer dos casos, argumentos e sugestões para possíveis melhorias no texto.

LEITORES CRÍTICOS



Dario Andrade



Valter Cardoso



David Machado



Hugo Sales



Nana Calimeris



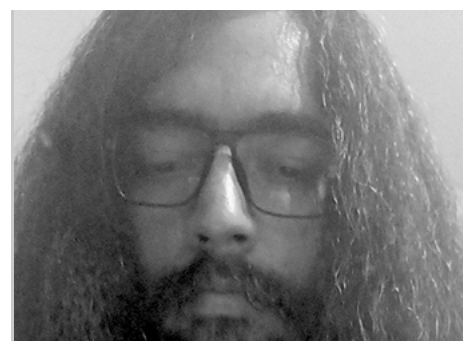
João Gomes



Silvio César



Guilherme Xavier



Erick Rezende